

Organizador

Eduardo Tadeu Roque Amaral

Estudos de semântica

v
v v
v v
viva voz

Belo Horizonte

FALE / UFMG

2012

Diretor da Faculdade de Letras

Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais e diagramação

Tatiana Chanoca

Revisão de provas

Tatiana Chanoca

Thayane Campos

ISBN

978-85-7758-134-4 (impresso)

978-85-7758-133-7 (digital)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: revisores.fale@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labeled

Sumário**Apresentação . 5**

Eduardo Tadeu Roque Amaral

As anáforas correferenciais recategorizadoras no gênero comentário de internauta . 7

Vanessa Cristina de Jesus Pinha

Anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes: um estudo no gênero notícia . 19

Élida Ferreira Martins

Hiperonímia e marcação . 29

Mário André Coelho da Silva

O item *coisa* na rotulação do discurso . 41

Ingrid de Castro Faria

O uso dos nomes genéricos em contextos fóricos na oralidade . 49

Josimeire Lourdes de Souza

Análisis de sintagmas nominales antroponímicos en los periódicos *La Nación* (Argentina) y *El País* (Uruguay) . 63

Luciana Marques da Silva

Carolina Izabela Dutra Miranda

Luiza Francisca Ferreira da Silva

Apresentação

Este volume do *Caderno Viva Voz* apresenta trabalhos de estudantes de graduação da FALE/UFMG desenvolvidos como parte das atividades de disciplinas da área de semântica, ministradas no segundo semestre de 2010 e no primeiro de 2011. Durante as aulas, foram estudados temas como sentido, referência (e referenciação), dêixis e anáforas. Ao final do semestre, os alunos foram orientados a escreverem um artigo científico, cujo objeto seria de livre escolha, mas com uma fundamentação teórica relacionada aos temas estudados.

As anáforas correferenciais recategorizadoras são o objeto de análise de Vanessa Cristina de Jesus Pinha. A autora utiliza um *corpus* formado por um gênero textual relativamente novo e pouco explorado, o comentário de internauta. Uma análise sintática e semântica das expressões nominais dos dados possibilita à autora classificar os diferentes tipos de anáforas.

O artigo de Élide Ferreira Martins analisa casos de anáfora indireta esquemática realizada por pronomes introdutores de referentes. Tendo como *corpus* textos do gênero notícia coletados em fontes diversas da internet, a autora procura verificar se esse tipo de anáfora é produtivo nesse gênero textual.

Mário André Coelho da Silva aplica o conceito de marcação em um estudo semântico sobre uma relação de sentido, mais especificamente uma relação de inclusão de sentido: a hiponímia/hiperonímia. O autor observa a frequência de hipônimos e hiperônimos em oito línguas e relaciona-a com a noção de marcação.

O item lexical *coisa*, integrante do conjunto dos nomes gerais ou genéricos, é o objeto de estudo do trabalho de Ingrid de Castro Faria. A autora analisa o funcionamento de *coisa* em processos de rotulação presentes em dados de língua oral de Minas Gerais. São observados casos de rótulos prospectivos e de rótulos retrospectivos.

Tomando como base as análises de anáfora e catáfora na progressão referencial e textual, Josimeire Lourdes de Souza analisa ocorrências de itens genéricos como *coisa*, *negócio* e *trem* no português falado. Seus dados são de transcrições de gravações realizadas no município de Paracatu.

Luciana Marques da Silva, Carolina Izabela D. Miranda e Luiza Francisca F. da Silva fazem uma análise dos diferentes usos de antropônimos em artigos de opinião dos jornais *La Nación* (Argentina) e *El País* (Uruguai). No texto, as autoras relacionam e discutem as propriedades das ocorrências de retomadas anafóricas por meio de antropônimos ou de expressões nominais, além de observar os sentidos dos derivados dos nomes próprios.

O público alvo deste volume são alunos de Letras que estão se iniciando no estudo de semântica e demais interessados. Espera-se que a diversidade dos temas abordados nos artigos possa servir como uma pequena amostra da pluralidade de orientações teórico--metodológicas que os interessados em semântica dispõem para investigação.

Agradeço aos autores que contribuíram para este volume e à equipe do Laboratório de Edição pela possibilidade de divulgação dos estudos e das pesquisas desenvolvidas no curso de Letras da FALE/UFMG.

O organizador

As anáforas correferenciais recategorizadoras no gênero comentário de internauta

Vanessa Cristina de Jesus Pinha

Os processos de referenciação anafóricos têm sido amplamente estudados, visto sua diversidade de realizações e sua importância para a coesão textual. Dentre as várias possibilidades de referenciação, estão as retomadas feitas através das anáforas correferenciais recategorizadoras (ACR), que podem se realizar por meio de um hiperônimo, de um termo genérico ou de uma descrição nominal. Dentre a enorme gama de gêneros textuais encontrados em nossas atividades comunicativas, merece destaque o comentário de internauta, gênero pouco estudado e que disponibiliza uma vasta fonte de elementos anafóricos, visto que sua realização está intrinsecamente ligada à dependência de um texto anteriormente produzido.

Tendo em vista, portanto, a relevância dos estudos referentes às formas referenciais anafóricas e a riqueza de informações remissivas fornecidas pelo gênero textual comentário de internauta, o presente texto tem como objetivo investigar a utilização das anáforas correferenciais recategorizadoras na construção da coesão textual no gênero em foco. Por meio desta pesquisa, pretende-se também identificar as formas de manifestação das ACR no gênero comentário de internauta, apontar o tipo de anáfora mais comum nesse modelo textual e caracterizá-lo quanto aos elementos anafóricos utilizados para estabelecer nele uma coesão textual.

Aspectos teórico-metodológicos

O conceito de anáfora

No âmbito dos estudos linguísticos, é possível apreender diversas concepções de *anáfora*. Diante disso, torna-se relevante apontar em qual desses conceitos este trabalho se apoia. Entre as concepções mais estreitas de *anáfora*, destacamos Kleiber, que define a *anáfora* como “uma estratégia de retomada em que um elemento linguístico, geralmente pronominal, refere-se a outro elemento lexical que o antecede contextualmente”.¹ Ainda sobre esse tipo de concepção, Lima afirma que seus proponentes consideram a *anáfora* como “um fenômeno fundamentalmente ligado à coesão textual e caracterizado pela retomada de um segmento de texto por outro”.² Grande parte das críticas referentes a essa definição aponta o fato de ela desconsiderar aspectos sociodiscursivos da referenciação anafórica. Dentre as concepções mais amplas de *anáfora*, destacamos a de Koch, que considera o termo *formas nominais referenciais anafóricas* como sendo:

[...] os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no contexto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes. Isto significa que a anáfora pode dar-se com ou sem retomada de referentes anteriormente expressos. No primeiro caso, pode haver simplesmente correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual, ou ocorrer a recategorização deste.³

Justamente pelo fato de termos um gênero textual como objeto de investigação neste trabalho, consideraremos, em nossa análise, a concepção mais ampla de *anáfora*, visto que as ACR's “funcionam não simplesmente como elementos de remissão a objetos previamente introduzidos, mas operam a recategorização desses objetos, atuando, assim, na construção de novos sentidos no texto”.⁴

Uma vez que os falantes dispõem de uma vasta possibilidade de palavras e expressões com as quais podem realizar uma retomada

anafórica, destacamos, dentre os vários tipos de anáforas, as chamadas *anáforas correferenciais recategorizadoras*. Essa classificação, proposta por Koch, entende como *correferencial* a retomada em que o núcleo “pode consistir na repetição (total ou parcial) do antecedente, ou, então, efetuar-se por meio de sinônimos ou quase-sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais”.⁵ Especialmente quando o núcleo configura-se como um dos três últimos casos, temos a anáfora correferencial recategorizadora, visto que há uma recategorização do antecedente textual. Esse tipo de retomada anafórica interessa-nos à medida que, ao retomar um termo ou expressão, oferece-lhe um sentido diferenciado, algumas vezes mais amplo, outras, avaliativo.

Anáforas correferenciais recategorizadoras

- Por hiperonímia

Consiste na retomada de um termo ou expressão por meio de um hiperônimo (indivíduo-espécie, espécie-gênero). De acordo com Escandell, hiperonímia representa a relação “que se estabelece entre um significado mais geral e suas diversas subespecificações”.⁶ O fato de o hiperônimo retomar um hipônimo e, com isso, compartilhar traços semânticos, corrobora para que nesse tipo de retomada se tenha “um ‘menor grau’ de recategorização, visto que a carga semântica do hiperônimo, ao ser usado anaforicamente, se ‘ajusta’ ao antecedente, ou seja, selecionam-se apenas aqueles de seus traços que a ele se ajustam”.⁷ Exemplo:

(1) A aeronave teve de retornar à pista. O aparelho estava com defeito.⁸

- Por termo genérico

A retomada anafórica também pode ocorrer por meio de nomes genéricos, como: *coisa, pessoa, negócio, criatura, indivíduo*. Segundo Koch, o uso desse tipo de termo pode indicar a variedade

¹ KLEIBER citado por MARCUSCHI. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada, p. 45.

² CUNHA LIMA. *Indefinido, anáfora e construção textual da referência*, p. 82.

³ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 244-245.

⁴ SANTOS. *As descrições nominais anafóricas em narrativas orais*, p. 41.

⁵ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 245.

⁶ “[...] que se estabelece entre un significado más general y sus diversas subespecificaciones.” ESCANDELL VIDAL. *Apuntes de semántica léxica*, p. 64.

⁷ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 248.

⁸ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 248.

regional ou social do falante, além de estar intimamente ligado à variedade oral da língua, uma vez que essa modalidade linguística necessita de mecanismos mais ágeis para retomada de um termo, e a busca de um termo mais específico custaria mais tempo ao falante. Exemplo:

(2) *Rafael gastou uma hora procurando a chave de seu carro. Ele se irritou quando percebeu que o negócio estava no seu bolso.*

- Por descrições nominais

Esse tipo de retomada ocorre através do uso de uma expressão formada pelo menos por um nome, normalmente acompanhado de determinante e/ou modificador(es). "Implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente",⁹ partindo-se do pressuposto de que as características escolhidas pelo locutor para retomar determinado termo são, muitas vezes, compartilhadas com o interlocutor. Ainda segundo a autora:

*A escolha de determinada descrição definida pode, assim, ter função avaliativa, isto é, trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido.*¹⁰

Exemplo:

(3) *Voltando à pergunta inicial: há sim quem tenha esquecido o relatado acima. Entre o pessoal de memória curta, está a maioria dos conselheiros do Cade, que, após uma inacreditável demora de dois anos, anulou a compra da Garoto, recolocando-a na trilha da incerteza.*¹¹

O locutor pode, também, selecionar determinadas descrições que considera desconhecidas pelo interlocutor, de modo a torná-las conhecidas. Exemplo:

(4) *O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais [...] "O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada", repete o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia.*¹²

⁹ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 251.

¹⁰ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 252.

¹¹ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 252.

¹² KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 252.

O gênero textual comentário de internauta

De acordo com Marcuschi:

*Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.*¹³

Visto que os gêneros textuais são "entidades sociodiscursivas e formas de ação social",¹⁴ portanto, são textos produzidos em situações reais de comunicação e para fins predeterminados, torna-se pertinente a utilização destes como *corpus* para investigações linguísticas. Em nossa pesquisa bibliográfica, entretanto, não foi encontrado nenhum trabalho que definisse ou utilizasse o gênero comentário de internauta como instrumento de pesquisa. Podemos, no entanto, utilizar as considerações de Marcuschi numa tentativa de definição desse gênero textual. De acordo com esse autor:

*Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na 'transmutação' dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas [...] O e-mail (correio eletrônico) gera mensagens eletrônicas que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias".*¹⁵

Dessa forma, segundo o autor, é possível correlacionar alguns gêneros que surgiram com o advento tecnológico da internet com outro que já existia anteriormente a esse avanço. Em se tratando do nosso gênero em estudo, comentário de internauta, podemos correlacioná-lo ao gênero carta do leitor, visto que ambos consistem em textos produzidos com o intuito de comentar (criticar, elogiar, opinar ou simplesmente refletir) matérias publicadas em revistas e jornais – *online*, no caso do comentário de internauta; impressas, no caso da carta do leitor. Uma diferença significativa para nosso estudo é que, no caso do comentário de internauta, os textos são

¹³ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 22.

¹⁴ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 19.

¹⁵ MARCUSCHI. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, p. 20.

publicados imediatamente após serem escritos, passando apenas, em alguns casos, por uma rápida avaliação do *site* para o caso de haver comentários impubliáveis. Além disso, são produzidos com um alto grau de informalidade, o que nos fornece grandes chances de encontrarmos anáforas do tipo *termo genérico*.

Metodologia

No que se refere à metodologia de coleta de dados, foi utilizado um *corpus* constituído pela coletânea de comentários de internautas recolhidos dos sítios eletrônicos Terra, Yahoo e Uol durante o mês de junho de 2011. Após a formação do *corpus*, as ocorrências de ACR foram identificadas e realizou-se uma análise considerando a frequência, o tipo de anáfora e a forma de manifestação.

Análise dos dados

Foram coletados cinquenta comentários de internauta e em seguida realizou-se uma análise criteriosa a fim de rotular cada expressão anafórica encontrada de acordo com a classificação proposta por Koch.¹⁶ Durante o processo de classificação dos dados, quando a conceituação dos tipos de ACR feita por Koch não se mostrava suficiente para enquadrar a expressão anafórica em análise dentro de uma das três categorias (hiperonímia, descrição nominal ou termo genérico), utilizaram-se os exemplos apresentados em seu trabalho como apoio. A seguir, será apresentada uma análise feita, por tipo de anáfora, com uma amostragem parcial dos dados. No entanto, convém lembrar que, para a parte quantitativa da análise, foram utilizados todos os cinquenta dados encontrados. Vale ressaltar que não se realizou adequação de acordo com a gramática normativa nos comentários de internauta que compõem o *corpus*.

ACR por hiperonímia

Esse tipo de anáfora foi a menos encontrada. Dos três usos encontrados, dois utilizaram o termo *país* para retomar nomes próprios

¹⁶ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial.

de países relatados na reportagem à qual se referiam. Sabe-se que as relações de sentido que envolvem nomes próprios são problemáticas, visto que há divergência no estudo do sentido desse tipo de nome por parte de algumas teorias. Alguns teóricos – ancorados nos pressupostos de Mill de que nomes próprios não referem, mas apenas denotam¹⁷ – não considerariam a relação entre *país* e *Brasil*, por exemplo, como uma relação de hiperonímia. A linguística textual, no entanto, não trabalha com a mesma noção de referente, pois a equivalência entre nome próprio e sintagma nominal ocorre no interior de um texto, sendo assim responsável pela construção da coesão textual, um dos recursos pelos quais o uso discursivo da linguagem cria seu referente.¹⁸ Este trabalho considera os pressupostos da linguística textual, visto que seu objeto de estudo é a anáfora quanto elemento de coesão textual. Nos exemplos que se seguem, vemos esse tipo de uso anafórico:

(5) *O problema é grave mesmo, mas é melhor cancelar os voos do que arriscar as vidas de milhares de pessoas que viajariam para esses países por transporte aéreo. O seguro é viajar quando literalmente, "a poeira baixar".*¹⁹

(6) *Os organizadores desse evento deveriam procurar o que fazer em vez de ficar expondo esses animais a fim de ganhar dinheiro, procurem uma trouxa de roupa e vão lavar embaixo da ponte do rio guamá. Babacas.*²⁰

No exemplo (5), o termo *esses países* se refere à Argentina e ao Uruguai, citados na notícia comentada. Em (6), a expressão *esses animais* se refere aos cães que foram foco da notícia comentada.

ACR por termo genérico

Durante a coleta de dados, foi observada grande quantidade de termos genéricos nos comentários de internautas. No entanto, seu uso de forma anafórica não foi muito encontrado, ao contrário do que esperávamos. Na maioria dos dados encontrados para esse tipo de anáfora, o referente se tratava de ser animado.

¹⁷ MILL. *Sistema da lógica dedutiva e indutiva*.

¹⁸ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial.

¹⁹ ROCHA. TAM e Gol cancelam voos para Argentina e Uruguai. Comentários [Marcos, 13 jun. 2011]. Grifos meus.

²⁰ CONCURSO elege o cão mais feio do mundo. Comentários [Marizete Portal Lago, 01 jul. 2011]. Grifos meus.

(7) *Parabéns ao Herbert. Encerrou a questão com técnica e civilidade. Pena que as pessoas que tem conhecimentos sólidos do assunto Orgânico x Convencional raramente são colocadas na posição de colunista. Minha sugestão ao Yahoo; substituam a "riponga eco celebridade" pelo agricultor altamente qualificado Herbert Carvalho. Desse cara eu compraria alface. Da colunista... não!*²¹

(8) *O que esses bombeiros ganham é uma vergonha. O meu pedreiro, aqui no Ceará, ganha duas vezes o que ganham esses homens, que ariscam a vida todo dia. O governo brasileiro devia ter vergonha dessa situação imoral. Os governos que pagam uma miséria dessa para seus militares e demais policiais deveriam levar uma surra para criarem vergonha na cara. Assim é que se alimenta a corrupção neste PAÍS.*²²

Em (7), o termo *esse cara* retoma Herbert Carvalho, citado no próprio comentário. No exemplo (8), *esses homens* se refere a *esses bombeiros*, citados tanto no próprio comentário quanto na notícia.

ACR por descrições nominais

Esse tipo de anáfora foi amplamente encontrado nos dados coletados. Vale ressaltar que grande parte das descrições nominais do *corpus* apresenta um caráter avaliativo. Isso certamente se deve à própria finalidade do gênero: quando alguém resolve comentar uma notícia, sente a necessidade de tornar público seu posicionamento a respeito dos personagens envolvidos ou do assunto comentado nesta, assim como dos sujeitos responsáveis pela notícia (autor e canal de veiculação).

(9) *O mais intrigante de tudo isso, e o povo de campinas nao se manifestar. Ate quando o povo achara normal, assaltos aos cofres publtcos. O povo tem que se indignar contra esses gatunos. Srs juizes nao sejam complacentes com esses quadrilheiros? Hajam na forma da lei, e pelo bem do nosso brasil. So assim nossos filhos terao orgulho de viver na patria amada BRASIL.*²³

(10) *Aqui em Campinas só tem ladrão: nas ruas, soltos, e dentro dos palácios. Culpa de quem votou. Eu não votei no ladrão que ocupa hoje a prefeitura no cargo máximo. Mas pago por isso.*

²¹ ACHCAR. Sem pânico, é orgânico.Comentários [Marcos Moura Torres, 14 jun. 2011]. Grifos meus.

²² JUSTIÇA manda soltar os 439 bombeiros presos. Comentários [Francisco, 10 jun. 2011]. Grifos meus.

²³ SOUZA. Fraude em Campinas: juiz manda bloquear 22 passaportes. Comentários [Sonia Barne Duarte, 14 jun. 2011]. Grifos meus.

Isso é democracia?

Isso é exploração do dinheiro dos mais inteligentes, estudiosos e conscientes por causa da decisão burra dos que não estudam, não lêem e não aceitam conselhos sensatos de não votar em determinado candidato. Isso está errado, porque pagam todos, no fim.

*Vote nulo e acabe com isso para sempre!*²⁴

(11) *Eu fico feliz em saber que tem muita gente que ainda se importa com o povo, como este desembargador que teve a coragem de libertar os bombeiros, nossos heróis do dia a dia, contando isso para nossos filhos eles não vao acredita, que, um governador mandou uma tropa de helite, atacar com bombas e balas de borracha, familias com crianças e gravidas, que são filhos esposas e os proprios bombeiros que são seus amigos de fardas, futuramente se eu contar para meus netos, eles me chamarão dementiroso, este e o governador em que nos votamos, eu votei nele, mas agora estou envergonhado, se eu pudesse eu pediria para que o povo o tirase de lá, deste palacio tão honrrado, que é o nosso palacio guanabara, vejamos o partido dele! acordem povo do RIO de JANEIRO!*²⁵

No exemplo (9), ambas as expressões, *esses gatunos* e *esses quadrilheiros*, referem-se aos suspeitos de corrupção e fraude citados na notícia. Em (10), *o ladrão que ocupa hoje a prefeitura no cargo máximo* retoma o prefeito de Campinas, Hélio de Oliveira Santos, mencionado na notícia. No exemplo (11), a expressão *este desembargador que teve a coragem de libertar os bombeiros* faz referência ao desembargador Cláudio Brandão citado na notícia, assim como *nossos heróis do dia a dia* também retoma personagens da matéria: os bombeiros.

Análise quantitativa dos dados

Realizou-se uma análise quantitativa dos dados com a finalidade de investigar qual tipo de ACR é mais recorrente no gênero comentário de internauta e identificar as formas pelas quais cada tipo se manifesta nesse gênero. Foram identificadas 61 ocorrências de anáforas do tipo correferencial recategorizadora nos cinquenta comentários que compõem o *corpus*, pois, em alguns casos, em um mesmo comentário encontrou-se mais de uma ocorrência de ACR. A distribuição quantitativa de cada tipo de anáfora encontrada está disponível na tabela abaixo.

²⁴ SOUZA. Fraude em Campinas: juiz manda bloquear 22 passaportes. Comentários [Dedo na Ferida, 11 jun. 2011]. Grifos meus.

²⁵ JUSTIÇA manda soltar os 439 bombeiros presos. Comentários [Erico, 10 jun. 2011].Grifos meus.

TABELA 1
Distribuição quantitativa dos tipos de ACR
encontradas de acordo com a configuração sintática

ACR	Nº	Artigo definido	Artigo indefinido	Demonstrativo	∅	Possessivo
Descrições nominais	46	15	3	26	1	1
Termo genérico	12	5	-	7	-	-
Hiperonímia	3	-	-	3	-	-
Total	61	-	-	-	-	-

A tabela mostra que a maior parte das ACR encontradas foi do tipo descrição nominal e que as menos encontradas foi por hiperonímia. As retomadas por termo genérico não obtiveram um número tão expressivo quanto o esperado. A forma como tais anáforas se manifestaram também foi quantificada. Percebe-se que todos os três tipos de ACR apareceram, na maioria das vezes, precedidos de demonstrativos.

Considerações finais

Com base no *corpus* e na análise dos dados, nota-se que as *anáforas correferenciais recategorizadoras* são um recurso de recategorização utilizado recorrentemente no gênero comentário de internauta. Dentre os tipos de anáforas pertencentes a essa categoria (hiperonímia, termo genérico e descrições nominais), a mais recorrente dentro do *corpus* analisado foi a retomada por descrições nominais. A forma de manifestação desse tipo de anáfora apontada por Koch²⁶ (normalmente precedidas por determinante e de caráter avaliativo) aplica-se aos dados do *corpus*, como visto na Tabela 1.

Os resultados das análises dos dados abrem precedentes para uma tentativa de caracterização do gênero comentário de internauta a partir dos processos de referenciação encontrados no *corpus*: esse é um gênero rico em retomadas anafóricas por descrições nominais e isso certamente se deve ao caráter de texto crítico que ele assume.

²⁶ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial.

É importante ressaltar que o *corpus* pode ser considerado relativamente pequeno para fornecer generalizações determinantes. Uma expansão do *corpus* e a abrangência de outros tipos de anáforas na análise possibilitariam um tratamento estatístico mais sofisticado para os dados e, conseqüentemente, uma caracterização mais criteriosa do gênero comentário de internauta. Não obstante, este trabalho fornece um número relativamente grande de exemplares de textos em situações sociodiscursivas reais que podem ser utilizados como complemento no estudo das anáforas correferenciais recategorizadoras.

Referências

- ACHCAR, Tatiana. Sem pânico, é orgânico. Disponível em: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/11565.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- CONCURSO elege o cão mais feio do mundo. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/fotos/concurso-elege-o-c%C3%A3o-mais-feio-do-mundo-1309292819-slideshow/#mwpphu-container>>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- CUNHA LIMA, Maria Luiza. *Indefinido, anáfora e construção textual da referência*. 2004. 194f. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ESCANDELL VIDAL, Maria Victoria. *Apuntes de semántica léxica*. Madrid: UNED, 2008.
- JUSTIÇA manda soltar os 439 bombeiros presos. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/justica-manda-soltar-439-bombeiros-presos-131557859.html#ir>>. Acesso em: 16 jun. 2011.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: FOLTRAN, Maria José; NEGRI, Lígia; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Orgs.). *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernardete Marques; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.). *Gramática do português falado*. v. VIII: novos estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002.

MILL, John Stuart. *Sistema da lógica dedutiva e indutiva*. Tradução de João Marcos Coelho. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 92-105. (Coleção Os Pensadores).

SANTOS, Janderson Martins dos. *As descrições nominais e anafóricas em narrativas orais*. 2010. 117 f. (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SOUZA, Rose Mary de. Fraude em Campinas: juiz manda bloquear 22 passaportes. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,0I5181289-EI5030,00-Fraude+em+Campinas+juiz+manda+bloquear+passaportes.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

ROCHA, Pedro da. TAM e Gol cancelam voos para Argentina e Uruguai. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/tam-gol-cancelam-voos-argentina-uruguai-085400024.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

Vanessa Cristina de Jesus Pinha é mestranda em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras da UFMG.

Anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes: um estudo no gênero notícia

Élida Ferreira Martins

Um referente, após ser introduzido num discurso, pode ser retomado de diversas maneiras através de elementos linguísticos substituidores que permitem identificá-lo e fazer novas asserções acerca dele. Assim, o processo anafórico constitui-se como uma estratégia referencial de grande importância para a progressão temática de um texto, já que se estabelece uma cadeia referencial constantemente ativada pelo leitor/ouvinte, à qual se juntam informações novas que vão garantir a informatividade de um texto. Esses elementos substituidores são importantes para o estabelecimento da coesão textual.

Outros tipos de anáfora também podem exercer a função de introdutores de novos referentes no discurso, por meio de relações de inferência, sem que seja possível localizar um antecedente explícito no texto e sem que haja comprometimento da compreensão. Nesses casos, as anáforas funcionam como um fator que contribui para a construção da coerência, pois muitos elementos só podem ser entendidos claramente a partir da sua relação com o cotexto.

Desse modo, pensando na contribuição dos processos anafóricos para a construção de sentidos em um texto e nas diversas possibilidades de ocorrência desse fenômeno, e pensando na distinção entre os casos de anáfora direta e indireta com base em importantes trabalhos como os de Koch¹ e Marcuschi,² pretendemos tomar como objeto de análise um dos tipos de anáfora indireta para observar sua realização em textos do gênero notícia.

¹ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial.

² MARCUSCHI. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras.

O interesse para o trabalho partiu de uma afirmação de Marcuschi,³ referindo-se a Schwarz (2000), quando comenta acerca do caso do alemão, em que cerca de 60% dos casos de anáforas, de modo geral, constituem-se de anáforas indiretas. O autor cita outros estudiosos que também concordam com essa hipótese.

Pensando, então, na distinção entre anáforas diretas e anáforas indiretas, nossa proposta para este trabalho é abordar especificamente os casos de anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes, conforme definido por Marcuschi. Desse modo, pretendemos verificar como esse tipo de anáfora indireta aparece em textos do gênero notícia, a fim de observar se é um caso produtivo, visto ser comumente enquadrado em casos tidos como erro pela gramática tradicional.

Aspectos teórico-metodológicos

Por *anáfora direta* estamos entendendo qualquer tipo de retomada de referentes num discurso por meio de pronomes ou formas nominais que estabeleçam uma relação de correferencialidade com ou sem recategorização, abarcando assim as pronominalizações endofóricas definidas por Marcuschi,⁴ e os diversos tipos de anáforas com núcleos nominais exemplificadas por Koch, englobando aqui os casos de repetição total ou parcial, sinonímia ou parassinonímia, hiperonímia, retomada por termos genéricos e por descrições nominais.

Como *anáfora indireta*, estamos considerando um termo que faz referência, ou retoma, algo que está no conhecimento de mundo, através de uma relação de inferência que se apoia em algum elemento explícito no texto. Nas palavras de Marcuschi a anáfora indireta (AI) é

[...] *geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. Caso típico de AI seria este:*

Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias [...] Quando amanheceu eles foram ver como estava o barco, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá.

É fácil perceber que [O BARCO] é uma expressão referencial nova nesse texto, mas surge como se fosse conhecida. Ela ancora (cognitivamente) na expressão nominal antecedente [UMA ILHA] que lhe dá lastro. Casos assim são freqüentes em todos os gêneros textuais, tanto na fala quanto na escrita. Estudos sobre a questão para o alemão dão conta de que as AI perfazem cerca de 60% das anáforas de modo geral. Daí a relevância de sua abordagem.⁵

O autor apresenta seis subtipos de anáforas indiretas, a saber:

1. AI baseadas em papéis temáticos dos verbos;
2. AI baseadas em relações semânticas inscritas nos SNs definidos;
3. AI baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais;
4. AI baseadas em inferências ancoradas no modelo do mundo textual;
5. AI baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações;
6. AI esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes. É este último caso que irá nos interessar neste trabalho.

O autor ressalta ainda que os limites entre os subtipos apresentados são muito tênues, constituindo-se assim como um *continuum anafórico*.

Passemos a discutir então o caso das anáforas indiretas do tipo 6. Vejamos o exemplo apresentado por Marcuschi: “Estamos *pescando* há mais de duas horas e nada, porque *eles* simplesmente não mordem a isca”.⁶ Vemos que o pronome *eles* não retoma um elemento colocado anteriormente, mas introduz um novo referente, *os peixes*, deduzido a partir de um processo inferencial com base no elemento *pescando* colocado antes. Então, esse caso configura-se como uma anáfora indireta esquemática realizada por pronome introdutor de referente.

Vemos então que a *relação anafórica* considerada constitui-se num processo de introdução de referente novo no discurso por meio de um pronome que se ancora em algum elemento explícito anteriormente colocado.

³ MARCUSCHI. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras.

⁴ MARCUSCHI. Linguística de texto: o que é e como se faz?

⁵ MARCUSCHI. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras, p. 53-54.

⁶ MARCUSCHI. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras, p. 67.

Esse tipo de anáfora interessa-nos particularmente, já que é comum encontrá-lo em redações de alunos de ensino fundamental ou mesmo de ensino médio, e acaba por ser tratado como erro, visto que não se estabelece uma concordância formal explícita. Apesar de não haver concordância, a compreensão do conteúdo comunicativo não é prejudicada, pois se estabelece com base numa relação inferencial, e esse processo se dá de maneira rápida, sendo preenchida a informação mesmo sem que o leitor se dê conta dos esforços mentais que realiza, já que o leitor sempre se posiciona de maneira a contribuir para a construção de sentidos do texto, buscando o estabelecimento da coerência. Queremos verificar, portanto, se os “erros” dos alunos também podem ser encontrados em outros textos que circulam na sociedade para pensar se esse tipo de anáfora indireta pode ser tomado ou não como exceção e de que modo ele se realiza. Analisaremos, para isso, um conjunto de notícias coletadas em fontes diversas da internet, procurando verificar se esse gênero textual, que tem como característica fundamental transmitir informações de maneira clara e objetiva, também se vale desse recurso anafórico e em que medida isso ocorre.

Nosso *corpus* se constitui num conjunto de 38 notícias coletadas aleatoriamente em *sites* da internet versando sobre assuntos diversos como futebol, política nacional e internacional, ciência e tecnologia, dentre outros, de tamanhos variados. A intenção é analisar o volume de casos encontrados de modo a pensar se, na amostra coletada, esse tipo de anáfora indireta pode se constituir como uma ocorrência produtiva, bem como refletir sobre as realizações específicas de acordo com cada contexto. Para isso, faremos um levantamento de todos os casos encontrados e, então, procederemos à análise.

Análise dos dados

Procederemos nesta seção à análise dos dados encontrados no *corpus*. Inicialmente, mostraremos um exemplo de caso clássico de anáfora direta por pronominalização encontrado nos textos analisados a fim de comparar com os demais dados coletados. Vejamos então o exemplo.

(1) *Esta data significaria que o presidente poderia prometer importantes reduções de tropas a uma população cansada da guerra justo antes da eleição presidencial de novembro de 2012, na qual buscará um segundo mandato, mas os comandantes militares afirmaram ao Journal que o calendário eleitoral não tem qualquer relação com a proposta. Eles afirmam que estão concentrados em exercer toda a pressão possível sobre os talibãs e as violentas províncias do leste, na fronteira com o Paquistão, especialmente durante os próximos dois verões (hemisfério norte), geralmente o período de combates mais intensos.*⁷

No fragmento acima, um elemento anterior explícito no texto é retomado por um pronome pessoal que estabelece uma relação de correferencialidade sem haver recategorização do referente. O termo referido e o pronome que o retoma podem se intercambiar, pois não houve nenhuma avaliação por parte do enunciador. Nesse exemplo, o referente *os comandantes militares* é retomado pelo pronome *eles*.

Passemos, então, para a análise de dois exemplos interessantes retirados de uma mesma notícia, a respeito dos quais podemos levantar dúvidas quanto à interpretação anafórica que pode ser dada e que vai colocar claramente a diferença entre a anáfora direta por pronominalização e a anáfora indireta esquemática realizada por pronome introdutor de referente.

O exemplo seguinte foi retirado de uma notícia que trata de um atentado terrorista e seus reflexos sobre o processo de transição de poder no Iraque, bem como da retirada das tropas americanas que atuam naquele país, na qual temos um depoimento do vice-secretário de imprensa da Casa Branca. Vemos que ele, após se referir ao governo de transição, introduz em seu comentário um pronome *eles*. Podemos deduzir que está se referindo aos cidadãos iraquianos, referente este que não vem explícito em momento nenhum do texto anterior, mas que inferimos a partir do contexto, recuperando a informação dada pela âncora *lá*, ou seja, no Iraque.

(2) *"A democracia já pode ser vista lá. Há um governo de transição que está funcionando (sic) de forma estável. Estamos confiantes de que eles conseguirão montar um [novo] governo. O fato de que há muita competição para quem vai governar aquele país é uma coisa boa", avaliou Burton.*⁸

⁷ PENTÁGONO quer manter reforços no Afeganistão até 2012. Grifos meus.

⁸ EUA dizem que atentado em Bagdá não afeta transição de poder no Iraque. Grifos meus.

Outro fragmento retirado desse mesmo texto e que aparece um pouco antes é o exemplo (3), em que o vice-secretário coloca da mesma forma em sua fala um pronome *eles* introdutor de novo referente. O curioso aqui é que o autor da notícia esclarece para o leitor qual é este referente através do uso de colchetes na citação da fala do entrevistado, informação que o jornalista recuperou provavelmente pelo contexto da entrevista. E aqui podemos colocar duas questões: ou o jornalista recuperou a informação por meio de um referente explícito *os iraquianos*, dito antes pelo entrevistado – o que caracterizaria uma anáfora direta por pronominalização – ou simplesmente pela menção ao país Iraque, ou ao povo iraquiano, fazendo uma inferência a partir daí para deduzir que *eles* se refere a *os iraquianos*, sendo este último o caso que nos interessa considerar como a anáfora indireta esquemática de que estamos tratando neste trabalho.

- (3) *Em reação ao atentado, o vice-secretário declarou que Washington observa com atenção a situação do Iraque e que o país já fez avanços significativos. "Obviamente, ainda há pessoas que querem desvirtuar os progressos que o povo iraquiano fez em direção à democracia. Mas eles [os iraquianos] estão firmemente nos trilhos. E nós estamos confiantes ao chegar ao fim de nossa missão de combate", acrescentou.*⁹

Vejamos outro caso diferente:

- (4) *Em depoimento nesta sexta-feira ao inquérito sobre a participação da Grã-Bretanha na Guerra do Iraque, o primeiro-ministro britânico Gordon Brown disse que a invasão do país do Oriente Médio foi uma decisão "correta pelos motivos corretos".*

"Eu recebi informações dos serviços de inteligência que me levaram a acreditar que o Iraque era uma ameaça com a qual precisávamos lidar por meio de ações da comunidade internacional", respondeu ao ser perguntado sobre se considerava certa a decisão de atacar Saddam Hussein.

Para ele, o principal motivo que originou a guerra era o fato de o Iraque vir desrespeitando diversas resoluções da ONU com relação às armas de destruição em massa.

*Em sua visão, se a comunidade internacional não pudesse agir conjuntamente em relação à essa ameaça, "a nova ordem mundial que nós estávamos tentando criar seria posta em risco".*¹⁰

⁹ EUA dizem que atentado em Bagdá não afeta transição de poder no Iraque. Grifos meus.

¹⁰ BROWN diz que Guerra no Iraque foi decisão 'correta'. Grifos meus.

Nesse exemplo, a quem se refere o pronome *nós* usado pelo primeiro-ministro britânico Gordon Brow? Aos britânicos em geral? Aos governantes do país? Aos britânicos e seus aliados? Essa indefinição permite dizer que o pronome não estabelece uma relação anafórica direta e por isso estamos entendendo que ele introduz um novo referente que se ancora nas informações anteriores e nos conhecimentos de mundo do leitor, portanto constitui-se num caso de anáfora indireta esquemática realizada por pronome introdutor de referente.

Outro exemplo que encontramos com o pronome *nós* foi o seguinte, podendo este suscitar alguma dúvida:

- (5) *O anúncio oficial da captura foi feito hoje às 10h (horário de Brasília) pelos líderes das tropas de coalizão no Iraque em entrevista coletiva a imprensa em Bagdá. Eles não informaram para onde o ex-líder iraquiano foi levado, mas divulgaram imagens de Saddam sendo examinado.*

*O administrador norte-americano, Paul Bremer, abriu a entrevista coletiva anunciando: "Senhoras e senhores, nós o pegamos".*¹¹

O administrador se referia ao fato de as tropas norte-americanas terem capturado o ex-ditador Saddam Hussein, assunto de que trata a notícia. Então o pronome *nós* poderia estar se referindo às tropas, mas também poderia se referir aos americanos em geral, incluindo sempre o administrador. Na última interpretação, a introdução de novo referente por meio de processo inferencial caracterizaria uma anáfora indireta. Essa interpretação pode ser confirmada pelo trecho seguinte, que encerra a notícia e retoma a fala do administrador, no qual já não aparece a referência às tropas, mas ao país EUA.

- (6) *Em Dubai, um membro do governo do Iraque disse ter sido informado pelo administrador dos EUA no Iraque, Paul Bremer, que o ex-presidente teria sido preso. Em seguida, o primeiro-ministro Tony Blair confirmou a informação. Às 10h (horário de Brasília), o administrador norte-americano no país Paul Bremer anunciou oficialmente: "Nós o pegamos".*¹²

Como vimos, foram encontrados quatro casos de anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes no *corpus* pesquisado de 38 notícias, sendo que um deles

¹¹ SADDAM Hussein é capturado em Tikrit. Grifos meus.

¹² SADDAM Hussein é capturado em Tikrit. Grifos meus.

pode ainda gerar dúvidas com relação à análise. A partir disso, podemos dizer que esse tipo de anáfora não se mostrou uma ocorrência produtiva, pelo menos na amostra coletada.

Um ponto interessante a ser destacado é que todos os exemplos de anáforas indiretas por pronomes introdutores de referentes encontrados nas notícias pesquisadas foram trechos de citações de falas de pessoas entrevistadas, ou seja, constituíam parte de um registro de língua de certa forma mais livre do que o adotado pelo redator das notícias. Esse fato pode nos levar a tirar conclusões a respeito do fenômeno em questão e sua realização no gênero pesquisado. Sendo assim, confirma-se a utilização da notícia como um gênero que procura fornecer informações de maneira clara e direta evitando, portanto, criar necessidade ao leitor de buscar referentes implícitos, o que faria diminuir o uso de anáforas indiretas do tipo pesquisado. Essas afirmações requereriam um estudo mais cuidadoso, partindo de um volume maior de textos.

Observamos também que, curiosamente, nas ocorrências encontradas, o assunto abordado eram temas de guerra, conflitos, tratados por líderes governamentais, e os casos de anáforas indiretas se referiam aos habitantes de um país. Nos demais temas, não foram encontradas ocorrências. Isso poderia nos levar a supor que seja comum tratar coletivamente um povo e depois evocar os indivíduos por meio de uma relação de inferência, fator que precisa ser analisado com mais cuidado. O fato poderia ser explicado também por uma limitação no *corpus*, por uma eventualidade. Para que qualquer dessas hipóteses possa ser confirmada, são necessárias maiores pesquisas.

É preciso destacar ainda que há uma diferença de comportamento com relação aos pronomes de primeira e de terceira pessoa – no nosso *corpus*, *nós* e *eles* foram os casos encontrados – já que o pronome de primeira pessoa tem quase sempre um uso dêitico, que necessariamente inclui a pessoa que fala e poderia ser tomado não como estabelecendo uma relação anafórica, mas simplesmente como um dêitico. No entanto, vimos que, como no caso dos pronomes de terceira pessoa, ele também se apoia num elemento do mundo textual antecedente que pode ser recuperado por meio de uma relação

inferencial, apesar de haver também, algumas vezes, problemas de compreensão, como vimos nos exemplos 4 e 5, em que não conseguimos definir exatamente a quem o *nós* se referia. Já o pronome de terceira pessoa estabelece mais claramente uma relação anafórica, funcionando como um pronome introdutor de referente por meio de inferência, pois identificamos seu referente a partir do contexto e dos conhecimentos de mundo. Assim, pelas diferenças apontadas, poderíamos tomar como dois casos diferentes de anáforas indiretas.

Considerações finais

A partir do que foi visto nesta pesquisa, poderíamos levantar a hipótese de que o uso das anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutores de referentes poderia ser uma ocorrência comum em registros mais livres de fala, como acontece também nos textos dos alunos, que, por estarem em fase de aprendizado, exercem menor vigilância quando da produção de textos. Esse fato se percebe também na língua oral, em razão de esta apresentar como característica a agilidade em transmitir informações e a omissão do que se considera de fácil preenchimento por parte do interlocutor. Porém, isto também pode ser contraposto pelos dados que encontramos, pois se poderia dizer que o registro utilizado pelos entrevistados não era tão livre assim, já que se tratava de representantes de Estado. Ou seja, o uso desse tipo de anáforas apareceu em um registro de língua em que é esperada maior elaboração.

Gostaríamos de ressaltar ainda que não estamos criticando o posicionamento de tomar esses casos como erro de concordância, já que efetivamente ela não se realiza. No entanto, chamamos a atenção para um fenômeno comum na língua, o do uso de anáforas indiretas, como já afirmava Marcuschi em referência a Schwarz, lembrando a maior ocorrência de anáforas indiretas em relação às diretas. Vimos, no entanto, que esta proposição não foi verificada em nosso *corpus* de textos do gênero notícia. Assim, seria interessante averiguar em quais gêneros ela se aplica no caso do português.

Vimos, então, que o caso das anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronome introdutor de referente trata-se simplesmente

de um uso que requer uma interpretação por meio de inferência e que não cria problemas de interpretação para os textos se pensarmos na contribuição do leitor para o processo de construção da coerência.

Talvez fosse interessante realizar maiores estudos para verificar mais detidamente a questão das anáforas indiretas esquemáticas realizadas por pronomes introdutórios de referentes em textos de notícias, a fim de ver se se constitui um fenômeno efetivamente pouco produtivo nesse gênero.

Referências

BROWN diz que Guerra no Iraque foi decisão 'correta'. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/03/100305_brown_iraque_inquiry_vdm.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2011.

EUA dizem que atentado em Bagdá não afeta transição de poder no Iraque. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 out. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/784311-eua-dizem-que-atentado-em-bagda-nao-afeta-transicao-de-poder-no-iraque.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: FOLTRAN, Maria José; NEGRI, Lígia; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Orgs.). *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: BENTES, Anna; KOCH, Ingedore G. Villaça; MORATO, Edwiges Maria Christina (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI. *Linguística de texto*: o que é e como se faz? Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates, 1).

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinard; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*: construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399. v. 1.

PENTÁGONO quer manter reforços no Afeganistão até 2012. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jun. 2011. Internacional. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2011/06/17/interna_internacional,234639/pentagono-quer-manter-reforcos-no-afeganistao-ate-2012.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2011.

SADDAM Hussein é capturado em Tikrit. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI234621-EI865,00-Saddam+Hussein+e+capturado+em+Tikrit.html>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

Élida é formada em Letras (Licenciatura em Português) pela UFMG e graduanda do décimo período do curso de Letras (Bacharelado em Português) da UFMG.

Hiperonímia e marcação

Mário André Coelho da Silva

Desde o início do século XX, a noção de marcação é discutida na linguística, principalmente em estudos de fonologia e sintaxe. Para autores que trabalham com esta ideia, fatos linguísticos são assimétricos e, portanto, haveria uma diferença entre o que é marcado e não marcado. Nesta relação, o item não marcado é aquele mais amplo, dominante. Já o marcado é restrito e diferenciado.

A ideia de *marcação linguística* surge no Estruturalismo, com a Escola de Praga. Trubetzkoy e Jakobson propuseram uma noção binária de marcação na análise fonológica, como, por exemplo, numa relação entre vogal nasal (marcada) e vogal oral (não marcada). Em seu artigo de 1932, Jakobson estendeu a noção de *marcação* para outros conceitos gramaticais, segundo a qual o anúncio da existência de um significado A indica marcação, enquanto a não marcação "não anuncia a existência de A", ou seja, não indica se A está presente ou não.

Em 1966, Joseph Greenberg propõe que a noção de marcação é, na verdade, uma série de relações, na qual há uma hierarquia de marcação. Outro ponto fundamental nessa obra é que, para o autor, a frequência tem um papel fundamental no estabelecimento dessa classificação. Assim sendo, há uma relação inversa entre marcação e frequência, ou seja, itens mais frequentes são menos marcados e itens menos frequentes são mais marcados.

Se considerarmos como verdadeira essa relação de marcação e frequência, é de se esperar que determinado item hiperônimo seja mais frequente que seus hipônimos, já que, de acordo com Escandell

Vidal,¹ o hipônimo mantém uma relação “ser tipo de” com seu hiperônimo. Ainda, se relacionarmos a noção dessa autora com os conceitos já citados de marcação, pode-se dizer que o hiperônimo é não marcado por ser mais amplo que o hipônimo.

Levando tudo isso em consideração, este trabalho pretende levantar alguns dados em relação à marcação na relação de hiperonímia/hiponímia, utilizando a frequência como ponto de partida para a análise.

Aspectos teórico-metodológicos

De acordo com Greenberg,² os primeiros trabalhos linguísticos a abordar a noção de marcação foram, muito provavelmente, os dos gramáticos russos Peškovskij e Karčevskij. O primeiro trabalho a utilizar a nomenclatura *marcado* e *não marcado* na fonologia foi o artigo “Die phonologischen System” de Nikolaj Trubetzkoy (1931) e o primeiro a utilizar esta terminologia para categorias gramaticais foi Jakobson, com seu “Zur Struktur des russischen Verbums” (1932).

Estes dois últimos linguistas escreveram os principais trabalhos sobre o assunto até o declínio do Estruturalismo e, para eles, a marcação é uma relação assimétrica entre elementos estruturais, sejam estes linguísticos, sejam culturais. A relação de marcação é binária e compreende elementos não marcados, ou seja, itens dominantes e mais amplos, e elementos marcados, que por sua vez são mais restritos.

Greenberg, na década de 1960, em busca dos chamados *universais linguísticos*, realizou pesquisas para verificar se haveria relações de marcação comuns às línguas do mundo. Ele constatou que as relações de marcação eram, ao contrário do que pensavam Jakobson e Trubetzkoy, hierárquicas e que os elementos se relacionavam entre si. Além disso, o linguista percebeu que, se fossem consideradas as frequências dos elementos de determinada hierarquia, aqueles não marcados eram sempre (ou quase sempre) mais frequentes, mais variáveis, mais englobantes, entre outras características que não são pertinentes para o presente estudo.

¹ ESCANDELL VIDAL. *Apuntes de semántica léxica*.

² GREENBERG. *Language Universals: With Special Reference to Feature Hierarchies*.

Para que fique mais claro, se tomarmos como exemplo o par de vogais orais e vogais nasais, sendo o primeiro não marcado e o segundo marcado, podemos prever que as vogais orais serão mais frequentes, terão mais alofones (ou seja, serão mais variáveis) e terão um maior número de tipos (mais englobantes). Os resultados do estudo de Greenberg foram exatamente estes em todas as línguas analisadas.

Um outro exemplo, agora tomando em conta o léxico, será aquele da relação entre os itens *homem* e *mulher*, sendo o primeiro o não marcado. No português (e nas línguas avaliadas por Greenberg), podemos dizer *homem* com o significado tanto de homem, do sexo masculino, ou homem, ser da espécie humana, englobando neste segundo sentido tanto o sexo masculino como o feminino. Para a palavra *mulher*, só podemos obter um significado equivalente ao primeiro, no qual mulher é um ser do sexo feminino. O segundo significado não pode ser obtido, pois, de acordo com o autor, *mulher* é o item marcado e, portanto, menos geral.

É importante ressaltar que, para Greenberg, qualquer área da linguística pode ter um estudo utilizando esta análise, que o resultado será o mesmo. Tendo isso em vista, o presente estudo verificará a aplicabilidade dessa hipótese em palavras que mantêm uma relação de hiperonímia.

A relação de hiperonímia/hiponímia, de acordo com Escandell Vidal, se caracteriza como sendo de inclusão. A inclusão é definida como uma relação na qual “o significado de um termo está contido no significado do outro”.³ No caso da hiperonímia, há uma relação de “ser um tipo de”, ou seja, determinado item hipônimo “é um tipo de” determinado item hiperônimo.

Um exemplo seria *flor*, *tulipa* e *margarida*: *Tulipa* e *margarida* são hipônimos de *flor*, que, por sua vez, é hiperônimo de *tulipa* e *margarida*, pois *tulipa* e *margarida* são tipos de *flores*. Por fim, dizemos que *tulipa* e *margarida* são *co-hipônimos*, já que ambos têm um hiperônimo em comum.

³ ESCANDELL VIDAL. *Apuntes de semántica léxica*, p. 63. Tradução minha.

A relação de inclusão entre hiperonímia e hiponímia pode ser analisada de duas maneiras diferentes. Utilizando o exemplo anterior, uma primeira maneira de análise, considerando uma perspectiva extensional, indica que *flor* inclui *tulipa* e *margarida*, pois o hiperônimo é mais geral que os hipônimos. Um segundo modo de se analisar a relação de inclusão, utilizando uma perspectiva intensional, é dizer que *tulipa* e *margarida* incluem *flor*, já que o significado dos hipônimos engloba necessariamente o significado do hiperônimo.

Se levarmos em consideração a primeira perspectiva, na qual temos o hiperônimo como sendo o item mais amplo e mais geral e, levando em conta também o fato de que, para Greenberg, itens mais gerais são, na grande maioria das vezes, não marcados e, portanto, mais frequentes, podemos fazer a predição de que itens hiperônimos serão não marcados e mais frequentes em relação aos seus hipônimos.

Logo, este trabalho irá analisar a frequência de dois itens hiperônimos e dez itens hipônimos (cinco para cada hiperônimo) de campos semânticos diferentes em oito línguas distintas (alemão, espanhol, inglês, japonês, português, russo, sérvio e sueco). Para tanto, utilizaremos *corpora* que contenham a frequência de ocorrência de cada um dos itens analisados nas diversas línguas a serem estudadas. A opção de busca por itens semelhantes em línguas diferentes se dá pelo fato de que, ainda de acordo com Greenberg, a relação de marcação é universal, ou seja, recorrente em todas as línguas do mundo.

Os *corpora* utilizados para análise do alemão, sérvio e sueco foram organizados por Quasthoff, Richter e Biemann⁴ da Universidade de Leipzig, na Alemanha e fazem parte do projeto *Wortschatz*, que pretende montar *corpora* de várias línguas do mundo para fornecer dados estatísticos de maneira unificada, padrão e gratuita. O *corpus* do alemão consiste em 30 milhões de palavras retiradas de jornais. Já o *corpus* do sérvio é composto por 1 milhão de palavras retiradas de várias fontes, como jornais e *websites*. Por fim, o *corpus* do sueco contém 3 milhões de *tokens*, retirados exclusivamente da internet.

⁴ QUASTHOFF; RICHTER; BIEMANN. Corpus Portal for Search in Monolingual Corpora.

O *corpus* do espanhol utilizado neste trabalho foi criado por Mark Davies da Brigham Young University, nos Estados Unidos. O *Corpus del español* consiste em mais de 100 milhões de palavras, retiradas de 20 mil textos em espanhol, entre os séculos XIII e XX. Para este trabalho, foram analisadas somente as ocorrências em textos do século XX.

Para o inglês, o *corpus* escolhido foi o *British National Corpus* (BNC), da Universidade de Oxford. Com 100 milhões de palavras, o BNC é um *corpus* com material retirado de fontes escritas (aproximadamente 90% dos *tokens*) e fontes orais (aproximadamente 10%).

Os dados do japonês foram retirados do JpWaC (*Japanese Web Corpus*), que contém mais de 409 milhões de ocorrências. Ele foi organizado por Tomaž Erjavec e Serge Sharoff da Universidade de Leeds. O *corpus* utilizado para o russo (*Russian Web Corpus*) também foi organizado por Sharoff e contém mais de 187 milhões de ocorrências. Ambos os *corpora* tiveram seus conteúdos retirados de *sites* da internet e seu acesso se deu pelo *site* Sketch Engine.

Por fim, o *corpus* utilizado na análise de dados do português é o do Projeto ASPA, organizado por Thaís Cristófar, da UFMG. Este *corpus*, baseado no *Corpus LAEL* da PUC-SP, consiste em 200 mil palavras do português brasileiro.

Todos os *corpora* analisados são de acesso gratuito na internet, exceto o *corpus* do Projeto ASPA, que é de acesso restrito.

Análise dos dados

Como dito na seção anterior, foram analisadas doze palavras: dois hiperônimos e cinco hipônimos para cada um destes dois hiperônimos. Os itens analisados foram *animal* e alguns de seus hipônimos: *cachorro*, *gato*, *pássaro*, *leão* e *cavalo*; e *morango*, *maçã*, *uva*, *limão* e *banana* e seu hiperônimo *fruta*. Em todos os idiomas analisados foram encontradas traduções para estas palavras. Além disso, variantes de número, caso etc. foram consideradas, porém significados diferentes (casos de polissemia, por exemplo) não o foram, já que, por se tratar de uma pesquisa em diversos *corpora*,

de diversos tamanhos, tais considerações demandariam um trabalho muito acima do possível. O resultado, de uma maneira geral, foi exatamente como o esperado (ver Tabelas 1 e 2). Mas, há alguns pontos onde são necessários alguns destaques.

TABELA 1
Tabela com frequências de *animal* e seus hipônimos

	ale.	esp.	ing.	jap.	port.	russo	sérv.	sueco
animal	16.935	3.955	15.161	26.513	24.741	16.222	645	12.692
cachorro	7.717	1.651	12.233	40.717	5.742	24.102	197	9.286
gato	3.898	973	5.406	22.959	6.181	9.680	102	2.157
pássaro	6.518	1.008	9.761	17.257	2.549	13.890	235	3.595
leão	3.417	1.285	2.122	2.365	10.065	10.159	118	294
cavalo	4.196	2.066	12.273	17.978	10.302	12.583	110	9.318

TABELA 2
Tabela com frequências de *fruta* e seus hipônimos

	ale.	esp.	ing.	jap.	port.	russo	sérv.	sueco
fruta	1.469	834	4.992	2.923	7.373	6.632	128	3.211
morango	456	60	645	1.973	1.306	407	19	348
maçã	1.243	362	3.448	3.305	2.048	5.664	52	1.057
uva	94	228	800	1.771	2.251	1.406	56	408
limão	299	313	1.336	1.896	2.036	1.383	10	358
banana	612	214	968	2.270	4.261	1.440	31	3.709

Em relação ao termo *animal* e seus hipônimos, no japonês e no russo, a frequência da palavra *cachorro* superou a do termo hiperônimo, ao contrário do esperado (ver Tabela 3). Neste caso, não conseguimos explicar o porquê de haver esta não concordância com

nossa hipótese. Como veremos mais adiante, outras não concordâncias encontradas podem ser facilmente explicadas.

TABELA 3
Frequência dos itens *animal* e *cachorro* em japonês e russo

	japonês	russo
animal	26.513	16.222
cachorro	40.717	24.102

Os termos relacionados ao item *fruta* oferecem dados mais interessantes para análise. Primeiramente, para o japonês, o item referente a *maçã* foi mais frequente que o do seu hiperônimo. Porém, uma explicação pode ser dada para este resultado e, para entendermos, é necessário saber um pouco sobre o sistema ortográfico japonês.

O japonês possui três sistemas de escrita e cada um destes sistemas tem um uso específico. O *kanji* é um sistema logográfico de origem chinesa e é utilizado para escrever palavras de origem japonesa e chinesa. O *hiragana* é um silabário originado a partir dos *kanji* e serve para representar sufixos verbais e itens gramaticais, como posposições, conjunções etc. Por fim, o *katakana*, que também é um silabário criado a partir dos *kanji*, serve para escrever palavras estrangeiras (que não sejam chinesas), para realçar termos num texto (semelhante ao itálico dos alfabetos ocidentais) e para escrever nomes de animais, plantas e outros termos em textos científicos. Além disso, é válido notar que a ortografia japonesa não se utiliza de espaços na separação de palavras, ou seja, o texto é escrito de maneira contínua, sem a necessidade de se separar palavras.

A palavra para *maçã* em japonês é *ringo*. Se considerarmos que ela tem o seu logograma próprio, mas que também ocorre com a escrita *katakana*, teremos uma determinada frequência. Porém, há outros termos estrangeiros que são transcritos da mesma maneira, como o nome do músico Ringo Starr ou do artista peruano Pablo Amaringo. Para este último, como não há espaço entre as palavras

em japonês, todas as ocorrências do nome do artista entrarão na contagem da palavra *ringo* (ver Tabela 4).

TABELA 4
Frequência dos itens
fruta e maçã em japonês

	japonês
fruta	2.923
maçã	3.305

Outro caso para se destacar é da homografia da palavra para *banana* em sueco. A palavra *banan* pode significar tanto 'banana' quanto 'o caminho'. A palavra para *caminho* em sueco é *bana* e ao colocar o sufixo *-n*, que é equivalente ao nosso artigo definido, as duas palavras passam a ter a mesma ortografia (vale notar que a pronúncia das duas é diferente). Esta pode ser uma possível explicação do valor de frequência de *banana* ter sido maior que o de *fruta* em sueco (ver Tabela 5).

TABELA 5
Frequência dos itens
fruta e banana em sueco

	sueco
fruta	3.211
banana	3.709

Por fim, vale ressaltar que, em cinco das oito línguas analisadas, a palavra *morango* foi a menos frequente entre os hipônimos de *fruta* e que a palavra para *maçã* foi a mais frequente para, também, cinco línguas analisadas (inclusive no japonês, se contarmos apenas as ocorrências escritas em *kanji*, que não é redundante como explicado acima). Não sabemos explicar ao certo o porquê desta recorrência, mas uma possível hipótese é de que, por estarmos trabalhando majoritariamente com línguas europeias, culturalmente

estas frutas devem ter menor ou maior relevância na região onde são faladas.

Considerações finais

Levando em consideração os pressupostos da teoria da marcação, da maneira como proposta por Greenberg⁵ e todas as implicações decorrentes disto, resolvemos analisar se a teoria se aplica à relação de hiperonímia/hiponímia.

O que constatamos foi que, de fato, na grande maioria dos casos analisados, o que foi previsto por Greenberg ocorreu, ou seja, itens hiperônimos – que hipotetizamos ser mais gerais e, portanto, menos marcados e mais frequentes – parecem seguir o mesmo comportamento de itens não marcados. como visto em outras relações de marcação (vogais orais *versus* vogais nasais, masculino *versus* feminino, singular *versus* plural etc.). Porém, deve-se ter cautela, pois as relações de hiperonímia analisadas foram apenas duas, e somente estudos mais amplos poderão confirmar se esta relação existe de fato.

Também como previsto por Greenberg, os resultados foram, de certa maneira, recorrentes entre as diversas línguas analisadas. Em busca dos universais linguísticos, o autor acreditava que estas relações de marcação são gerais entre os idiomas.

Por fim, para estudos futuros, seria interessante, além de verificar outras relações de hiperonímia, como já dito anteriormente, utilizar *corpora* de outras línguas, principalmente de famílias linguísticas que não sejam a indo-europeia. Também é interessante o uso de *corpora* mais bem construídos, para que se evite o problema encontrado na análise do japonês. Apesar disso, o trabalho apresentou resultados interessantes que devem ser ampliados, para que possa haver um maior entendimento tanto de relações lexicais e de marcação como das interfaces entre as duas.

⁵ GREENBERG. *Language Universals: With Special Reference to Feature Hierarchies*.

Anexos

ANEXO 1 Ocorrência de *fruta* e seus hipônimos em japonês, de acordo com o sistema de escrita

Palavra	Ocorrência <i>kanji</i>	Ocorrência <i>katakana</i>	Ocorrência total
fruta	2.923	0	2.923
morango	706	1.267	1.973
maçã	888	2.417	3.305
uva	844	927	1.771
limão	0	1.896	1.896
banana	0	2.770	2.270

ANEXO 2 Tradução das palavras pesquisadas

Português	Alemão	Espanhol	Inglês	Japonês	Russo	Sérvio	Sueco
animal	Tier	animal	animal	動物 (doubutsu)	животное (životnoe)	животине (životinje)	djur
cachorro	Hund	perro	dog	犬 (inu)	собака (sobáka)	пас (pas)	hund
gato	Katze	gato	cat	猫 (neko)	кошка (kóška)	мачка (mačka)	katt
pássaro	Vogel	pájaro	bird	鳥 (tori)	птица (ptíca)	птица (ptíca)	fågel
leão	Löwe	león	lion	ライオン (raion)	лев (lév)	лав (lav)	lejon
cavalo	Pferd	caballo	horse	馬 (uma)	лошадь (lóšad')	коњ (konj)	häst
fruta	Obst	fruta	fruit	果物 (kudamono)	плод (plód)	воће (voće)	frukt
morango	Erdbeere	fresa	strawberry	苺 (ichigo)	земляника (zemljanika)	јагода (jagoda)	jordgubbe
maçã	Apfel	manzana	apple	林檎 (ringo)	яблоко (jábloko)	јабука (jabuka)	äpple
uva	Weintraube	uva	grape	葡萄 (budou)	виноград (vinograd)	грожђе (grožđe)	druva
limão	Zitrone	limón	lemon	レモン (remon)	лимон (limón)	лимон (limun)	citron
banana	Banane	plátano	banana	バナナ (banana)	банан (banán)	банана (banana)	banan

Referências

British National Corpus. 2009. Corpus de 100 milhões de palavras, com material retirado de fontes escritas e orais. Disponível em: <<http://www.natcorp.ox.ac.uk/>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

Buscador ortográfico do ASPA. Desenvolvido por Thaís Cristófaró. Baseado no *Corpus LAEL* da PUC-SP, consiste em 200 mil palavras do português brasileiro. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/buscador2/index.php>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

Corpus del español. Desenvolvido por Mark Davies. *Corpus* de palavras procedentes de textos do espanhol dos séculos XIII ao XX. Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org/>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

ESCANDELL VIDAL, Maria Victoria. *Apuntes de semántica léxica*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2008.

GREENBERG, Joseph Harold. *Language Universals: With Special Reference to Feature Hierarchies*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2005.

JAKOBSON, Roman. The Structure of the Russian Verb. In: WAUGH, Linda; HALLE, Morris (Eds.). *Russian and Slavic Grammar Studies, 1931-1981*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1984. p. 1-14.

Sketch Engine. Sistema de Processamento de *Corpora* que lida com esboços de palavras; um resumo automático de uma página do comportamento gramatical e distribucional de uma palavra derivado de um *corpus*. Disponível em: <<http://www.sketchengine.co.uk/>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

QUASTHOFF, Uwe; RICHTER, Matthias; BIEMANN, Christian. Corpus Portal for Search in Monolingual Corpora. In: *Proceedings of the LREC 2006*. Gênova, 2006. p. 1799-1802.

Wortschatz. Desenvolvido por Quasthoff, Richter e Biemann, 1998. Projeto que pretende montar corpora de várias línguas do mundo para fornecer dados estatísticos de maneira unificada, padrão e gratuita. Disponível em: <<http://corpora.informatik.uni-leipzig.de/>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

Mário André Coelho da Silva é graduando do oitavo período do curso de Letras (Bacharelado em Linguística) da UFMG.

O item *coisa* na rotulação do discurso

Ingrid de Castro Faria

A rotulação é um tipo de coesão lexical no qual os grupos nominais são usados para conectar e organizar o discurso escrito. Neste fenômeno, uma forma nominal é utilizada para recategorizar segmentos do contexto, resumindo-os e encapsulando-os sob um determinado rótulo.

Sobre os elementos que podem funcionar como rótulos, Francis diz que “qualquer nome pode ser o nome nuclear de um rótulo desde que seja inespecífico e requeira realização lexical em seu contexto imediato, anterior ou posterior”.¹

O item *coisa* é integrante de uma classe especial de nomes que possuem um potencial de referência mais geral.² Essa natureza mais inespecífica dos nomes gerais permite a utilização destes em processos de rotulação.

Será buscado, neste trabalho, ilustrar o funcionamento de *coisa* na rotulação, a partir dos dados a serem abordados a seguir.

Aspectos teóricos

Sobre o item coisa

O item lexical *coisa* está inserido em uma classe de substantivos chamada por Halliday e Hasan de *general nouns*,³ os quais, neste trabalho, chamaremos de *nomes gerais*. Este tipo de nome está situado

¹ FRANCIS. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais, p. 201.

² HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*.

³ HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*.

no limite entre um item lexical (membro de um conjunto aberto) e um item gramatical (membro de um sistema fechado).

Esta classe é composta por um pequeno conjunto de nomes que possui uma referência mais geral, dentro de uma classe maior de substantivos. A respeito do item *coisa*, é possível observar essa referência mais ampla através das definições apresentadas pelo *Dicionário Unesp do português contemporâneo*:

Sf 1 termo genérico para indicar uma entidade material ou ideal concreta ou abstrata [...] **2** ataque; acesso [...] **3** negócio [...] **4** situação [...] **5** assunto; matéria [...] **6** causa; motivo [...] **7** mistério; enigma [...] **8** expressa quantidade aproximada [...] **9** atividade [...] **10** aquilo que é próprio ou característico [...] **11** realidade [...] **12** qualquer objeto cujo nome não se sabe ou não se quer nomear.⁴

Para Michaela Mahlberg,

[...] os nomes gerais formariam um conjunto separado dos nomes uma vez que desempenham uma função de suporte [...] O suporte por um nome geral cria dois efeitos maiores: primeiro, pode ajudar a estruturar a sentença de acordo com o princípio de informação (uma informação empacotada como informação dada é posteriormente suplementada por novas informações (O homem... era Norman Lumsden). Segundo, o suporte pode ser interpretado como um modo econômico ou efetivo de empacotar a informação, contribuindo para a "flexibilidade e estendibilidade da sintaxe".⁵

Os nomes gerais, segundo Marcuschi e Koch,⁶ são muito utilizados na rotulação na língua falada.

Sobre a rotulação no discurso

A *rotulação* é um tipo de coesão lexical no qual os grupos nominais são utilizados para conectar e organizar o discurso escrito. Neste fenômeno, uma forma nominal é utilizada para recategorizar segmentos do contexto, resumindo-os e encapsulando-os sob um determinado rótulo.⁷

O rótulo tem como característica principal a exigência de uma realização lexical, ou lexicalização, em seu contexto, sendo esta

realização um elemento nominal inerentemente não específico. O significado específico deste elemento no discurso necessita ser precisamente decifrado.

Segundo Francis,

*os rótulos podem funcionar tanto cataforicamente (para frente) quanto anaforicamente (para trás). Quando o rótulo preceder sua lexicalização, será chamado de rótulo prospectivo; quando seguir sua lexicalização, será chamado de rótulo retrospectivo.*⁸

Os *rótulos prospectivos* possuem uma função organizadora que se estende para todo o parágrafo seguinte. Podem possuir também função preditiva quando o item lexicalizado permitir ao receptor atribuir alguma predição sobre a extensão do discurso introduzida por ele. Os *retrospectivos* também possuem função organizadora, assinalando que o escritor está se movendo para a fase seguinte de seu argumento. Introduzem também mudanças e alterações dentro de um tópico.

Metodologia e análise dos dados

Sobre os dados analisados

Os dados utilizados para a análise foram retirados do *corpus* de Amaral,⁹ que é constituído por gravações de língua oral contemporânea, feitas em três municípios de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu.

Foram escolhidos cinco exemplos para ilustrar os processos de rotulação, sendo dois de rotulação prospectiva e três de rotulação retrospectiva. Os dois exemplos de rotulação prospectiva foram os únicos identificados. Na rotulação retrospectiva, foram encontrados apenas exemplos de rótulos acompanhados de modificadores, textuais e interpessoais. Dentre estes, foram retirados três para a análise, onde aparecem modificadores distintos.

⁴ BORBA. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*, p. 298.

⁵ MAHLBERG citado por RAMOS. O surgimento de um nome geral: a história da palavra *trem*, p. 8.

⁶ MARCUSCHI; KOCH. Referenciação.

⁷ FRANCIS. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais, p. 192.

⁸ FRANCIS. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais, p. 192.

⁹ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu.*

Análise dos dados

Rótulos prospectivos

No exemplo (1), o grupo nominal em destaque, cujo núcleo é *coisa*, funciona como rótulo prospectivo:

(1) INFORMANTE: *não e eu prometi a ele **ua coisa**... "sabe pai... o que o senhor não pôde fazê em vida... eu vô tentá fazer... eles mandaram o sinhô pra longe pra não ser diretor... mas o senhor antes de morrer ainda vai me ver... no cargo maior que diretor... ele me viu como inspetora seccional de ensino"... antes de ixiști a superintendência... e quase que ele me viu como a primeira delegada de ensino de Paracatu... não fosse a pulítica novamente... me tiraram para dar a uma de fora... pur causa da pulítica.*¹⁰

O verbo *prometer* seleciona como argumento interno *algo que possa ser prometido*. Sendo o item *coisa* inerentemente inespecífico, é essa seleção que permite ao ouvinte predizer a informação que o seguirá. Desta forma, o rótulo exerce uma função organizadora que se estende para toda a porção do discurso seguinte, ou seja, toda a porção seguinte será interpretada como a coisa prometida.

Temos também, no exemplo (2), o item *coisa* como rótulo prospectivo.

(2) Informante 2: *muito inteligente... ele velhinho já com noventa anos ele quiria te falá **ua coisa** ele sabia o livro que tava no meio daquele tanto livro de Medicina a página ele abria e te mostrava.*¹¹

De maneira semelhante ao exemplo (1), é a seleção semântica do argumento interno do verbo *falar* que possibilita ao ouvinte predizer a informação introduzida pelo rótulo, que é a de algo que pode ser falado, no caso, as informações sobre o livro.

Rótulos retrospectivos

Um rótulo prospectivo é utilizado para sumarizar uma extensão do discurso, podendo indicar ao ouvinte a forma com que essa extensão deve ser interpretada. Observemos o exemplo (3):

¹⁰ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 202. Grifos meus.

¹¹ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 165. Grifos meus.

(3) INFORMANTE: *teve visita de... de muita gente importante mas assim... dizê/citá... na hora assim eu num tô/ma[s] teve de mil/de mil/quando ela já foi elevada a vila... ela já tinha... muita gente... tinha muita gente daqui por exemplo... os/os vereadores/os primeiros vereadores... foi uma turma muito boa que... que ajudô muito a cidade... tem um que chama... () Joaquim Inácio Vilas Boas Barbosa... ele conseguiu trazê a imagem de/de Nosso Senhor dos Passos... porque o Alejadinho fez... (incomendaro) ma[s] já tinha três anos que num... num... num conseguia... (sei que era de) um otro lugar que o Alejadinho não aparicia... tinha o/o atravessador né?... intão eles troxero dexaro o oro todo guardado/dipois uma turma daqui... dexô o oro todo guardado lá isso aí é uma história que cês já deve tô ovido falá né?... e/e troxero a imagem que tava lá e falô que era de otro lugar... mas eles chegaro à noite e voltarô () da cidade (mudaram os planos) e trouxeram... que ês já tinha levado mui/as otras três vezes pra lá né?... () intão... eles/ele fez esse movimento até a cidade... quand[o] ele chegô aqui no lugar... já era vila né?... e... ele chegô aqui no lugar e... incontrô um/ele mandô um na frente e eles... pra avisá o lugar eles tocaro todos os sinos das igrejas porque o Nosso Senhor dos Passos tava chegado... e as pessoas levantaro todas e pusero lamparins e velas nas janelas... intão ele intrô festivamente aqui às onze horas da noite naquele tempo já era tarde né?... e/e intão... é **uma coisa muito importante** que aconteceu nessa época também.¹²*

O rótulo *uma coisa muito importante*, cujo núcleo é *coisa*, além de encapsular todo o evento narrado anteriormente, também diz como o falante o interpreta e como ele diz ao leitor para interpretá-lo. Vale ressaltar que o que permite essa interpretação é o modificador *muito importante*, que exerce uma função interpessoal, ou seja, adiciona uma informação, classificando o núcleo do rótulo.

No exemplo (4), temos outro tipo de modificação no rótulo:

(4) INFORMANTE: *ah é pois é... lembrei veio ladrão aqui [...]veio ladrão aqui no mel né?... pra robá mel... ó pro cê vê... pois é... até isso... acontece por aqui... ai meu deus do céu... na fazenda mesmo já entrô ladrão treis vez... na fazenda aqui [...] ah e **ota coisa** que acontece aqui também... ês roba... já robô num sei se é três vaca ô quatro.*¹³

Em (4), temos o rótulo *ota coisa*, sendo que *ota* está funcionando como modificador textual, ou seja, ele ajuda a ordenar men-

¹² AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 152. Grifos meus.

¹³ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 147. Grifos meus.

sagens relacionadas umas às outras e indica as relações entre elas.¹⁴ Desta forma, temos o nome nuclear como retrospectivo, mas todo o grupo nominal *ota coisa* exerce uma função preditiva. Assim, este rótulo tem capacidade de estabelecer uma relação entre a porção precedente do discurso e a porção sequente.

Também temos em (5) um exemplo de rótulo acompanhado por um modificador textual:

(5) PESQUISADOR: *cumé que é a pulítica aqui na cidade?*

INFORMANTE: *a pulítica aqui... sabe que eu num tô sabeno cumé que é deretio... nem sei qualé que é os pulítico aqui da Campanha... () num sei a leitura não mai[s] vô lá e marco o dedão lá e pronto*

Pesquisador 2: *dessa vez também tem urna eletrônica né?*

INFORMANTE: *eu passei uma vergonha danada lá no... foi o... no ano que entrô o Fernando Henrique né?... fui lá pa pa mode marcá lá eu picurava aonde que era aonde que era... aí deu certo ((ri)) deu certo... (de lá ês gritaro) "já tá pronto já deu aqui o nome dele" ((ri)) aí eu... graças a deus ((ri)) agora eu num sei... é capaz de ainda sê ainda*

Pesquisador 2: *esse ano é eletrônica*

INFORMANTE: *vai sê **mema coisa** tamém.*¹⁵

De forma semelhante ao exemplo (4), o item *coisa* tem função retrospectiva, mas todo o rótulo *mema coisa* exerce uma função preditiva.

Os modificadores textuais sempre são apresentados como informação nova, ainda que o restante do grupo nominal seja apresentado como informação dada. Outro aspecto é que os rótulos nos quais eles ocorrem não são correferenciais com o texto anterior.¹⁶ Deste modo, em (4) e (5), o item *coisa* encapsula as informações anteriores, mas o rótulo inteiro apresenta uma nova informação.

Considerações finais

Neste breve estudo, buscou-se analisar processos de rotulação cujo núcleo lexical do rótulo é o item *coisa*. Para a análise, foram utilizados dados de língua oral contemporânea.

¹⁴ FRANCIS. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais, p. 221.

¹⁵ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 141. Grifos meus.

¹⁶ FRANCIS. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais.

Com base nos dados analisados, observamos que, na rotulação prospectiva, a seleção semântica feita pelos verbos contribui para a interpretação da informação subsequente pelo ouvinte. O item *coisa*, por ser inespecífico, consegue satisfazer essa seleção.

Na rotulação retrospectiva, nos três exemplos analisados, vemos *coisa* acompanhado de modificadores. Não foi encontrado nos dados nenhum exemplo de *coisa* sem modificadores. A função de indicar a forma como a extensão do discurso deve ser interpretada ficou a cargo dos modificadores e ao item coube a função de sumarizar esta extensão.

Nos dois processos de rotulação, o item parece funcionar como uma base neutra sobre a qual é adicionada outras informações, quer sejam elas adicionadas pelos verbos precedentes, quer sejam elas adicionadas pelos modificadores que a acompanham.

Uma análise posterior mais extensa, utilizando outros nomes gerais, *corpora* de língua escrita, entre outras opções, pode acrescentar mais informações sobre os processos analisados.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*. 2003. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BORBA, Francisco S. (Org.). *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2004.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

HALLIDAY, Michael A. Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 14. ed. London; New York: Longman, 1995.

FULGÊNCIO, Lúcia. *O problema da interpretação dos elementos anafóricos*. 1983. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta. Pires de (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clelia Candida Abreu Spinard; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399. v. 1.

RAMOS, Jânia Martins. O surgimento de um nome geral: a história da palavra *trem*. In: RAMOS, Jânia Martins; COELHO, Sueli (Orgs.). *Português Brasileiro não padrão: ensaios gramaticais*. Campinas: Mercado das Letras. No prelo.

Este trabalho vincula-se ao projeto O Uso de Nomes Genéricos nos Falares Mineiros, coordenado pelo professor Eduardo Amaral e atualmente em desenvolvimento na FALE/UFMG.

Ingrid de Castro Faria é graduanda do sétimo período do curso de Letras (Bacharelado em Linguística) da UFMG.

O uso dos nomes genéricos em contextos fóricos na oralidade

Josimeire Lourdes de Souza

O presente artigo pretende analisar o uso de *coisa*, *trem* e *negócio* – entendidos como nomes *genéricos* – em funções anafóricas e catafóricas, utilizados como estratégia de progressão referencial e textual.

Tais nomes genéricos foram observados em transcrições feitas a partir de gravações realizadas na cidade mineira de Paracatu, no ano de 2002, vinculados ao projeto Filologia Bandeirante. Segundo Amaral, o projeto tinha como objetivo realizar “uma incursão nas trilhas das bandeiras de fins do século XVII e sua repercussão no século XVIII, com o objetivo de recolher traços da língua portuguesa antiga ou dos séculos XVII e XVIII”.¹

Para a organização do artigo, primeiramente, seguem-se definições sobre a referenciação e a progressão referencial, a anáfora, a catáfora e os nomes genéricos, para, finalmente, ser apresentada a análise do *corpus*.

Referência, referenciação e progressão referencial

A noção de *referência* tem sido objeto de discussão em diferentes áreas do saber, o que acarreta distintas definições do termo.

O filósofo alemão Friedrich Ludwig Gottlob Frege, considerado por muitos o fundador da moderna filosofia da linguagem, levantou a questão em seu artigo “Sobre o sentido e a referência”, publicado pela primeira vez em 1892. Frege propôs uma distinção, segundo a

¹ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 67.

qual a um sinal está ligada uma referência e um sentido. A referência seria, portanto, aquilo que é designado pelo sinal.

Embora tenham surgido outras definições que se distanciam dessa visão especular língua/mundo, podemos notar, conforme Mondada e Dubois,² que ainda há uma maior tendência de conceituação de referência, como correspondência entre palavras e coisas.

Dentro desse quadro, podemos citar o linguista francês Jean-Claude Milner,³ cuja proposta de referência é a associação de sequências linguísticas com segmentos da realidade. A partir dessa definição, distingue ainda referência *real* (que seria a associação de segmentos da realidade com sequências) de referência *virtual* (esta seria um conjunto de condições as quais caracterizam uma unidade lexical).

Para o artigo em questão, não adotaremos tal perspectiva, mas a de Lorenza Mondada e Danièle Dubois,⁴ que sugerem o uso de *referenciação* em oposição à *referência*.

A *referenciação*, segundo Mondada e Dubois, é uma noção de referência em si mesma, implica uma visão dinâmica e indireta entre o discurso e o mundo e uma instabilidade nas relações entre as palavras e as coisas. A referenciação é entendida “como construção colaborativa de objetos de discurso [...] cuja existência é estabelecida discursivamente emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”.⁵

Dessa maneira, os objetos de discurso podem ser alterados pelos locutores, de modo que, a partir dessa interação, pode-se efetuar uma modificação considerável dos objetos que vão sendo referidos.

Passaremos agora à proposta de progressão referencial dos brasileiros Marcuschi e Koch,⁶ que possui como um dos embasamentos a noção *referenciação* vista acima.

A progressão referencial, segundo os autores, é um fator de extrema importância para a elaboração, organização e coerência do texto, pois é esse elemento que corrobora para a progressão textual.

² DUBOIS; MONDADA. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação, p. 18.

³ MILNER. Reflexões sobre a referência e a correferência, p. 85.

⁴ DUBOIS; MONDADA. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.

⁵ DUBOIS; MONDADA. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação, p. 35.

⁶ MARCUSCHI; KOCH. Referenciação.

Esta tem o papel de propiciar condições que renovem o texto, afetando, por conseguinte, o sentido produzido.

O processamento textual se dá, sobretudo, a partir de movimentos retrospectivos e projetivos, numa relação do que foi dito e do que será dito, representados pela anáfora e a catáfora, as quais exploraremos abaixo.

Anáforas e catáforas

Para tratarmos da referência como importante fenômeno de coesão textual, podemos citar Halliday e Hasan e sua obra *Cohesion in English*, publicada em 1976. Segundo Castilho,⁷ nesta obra os autores propõem uma distinção entre referência exofórica e endofórica.

A primeira, conforme Castilho, trata-se de uma remissão a conteúdos que não foram verbalizados, mas que estão presentes na situação discursiva. Já a segunda, que por sua vez é a que nos tange, trata-se da retomada de conteúdos que foram verbalizados no discurso. Dessa forma, se há uma retomada no discurso anterior, fala-se em *anáfora*; pelo contrário, se há uma antecipação no discurso posterior, fala-se em *catáfora*.

A questão de qual esfera se deva recorrer para caracterizar as expressões anafóricas é palco de discussões e de opiniões contrárias. Georges Kleiber citado por Figueiredo elenca três fatores que distinguiriam as anáforas: “i) a existência de um processo de identificação referencial; ii) a existência de uma expressão linguística como antecedente; iii) a existência de uma relação de correferência”.⁸

A crítica que recai sobre estes critérios, de acordo com Figueiredo, é justamente acerca das anáforas que não obedecem a todos os traços, como por exemplo, a *anáfora associativa*. Esta “se dá por associação sem correferência, mas possibilitando a progressão de referentes”.⁹

Para o estudo em questão, adotaremos a posição de Marcuschi e Koch, que definem *anáfora* como “uma estratégia de textualização que não supõe continuidade linear de referentes”.¹⁰

⁷ CASTILHO. Gramática do português falado, p. 123.

⁸ KLEIBER citado por FIGUEIREDO. A *anáfora nominal em textos de alunos*: a língua no discurso, p. 220.

⁹ FIGUEIREDO. A *anáfora nominal em textos de alunos*: a língua no discurso, p. 87.

¹⁰ MARCUSCHI; KOCH. Referenciação, p. 392.

A anáfora pode atingir altos níveis de complexidade. Podemos citar os encapsulamentos anafóricos como exemplos de construções intrincadas. Segundo Conte,¹¹ estes se dão quando um sintagma nominal funciona como uma paráfrase que resume toda uma parte antecedente do texto.

A partir disso, podemos perceber o caráter que difere a anáfora da catáfora. Enquanto a anáfora se manifesta como um recurso que retoma informações precedentes (correferencialmente ou não), podendo sumarizar informações, a catáfora ocorre, muitas vezes, introduzindo referentes novos.

Ainda, segundo Conte, quando ocorrem encapsulamentos em pontos iniciais, como, por exemplo, no começo de um parágrafo, estes acabam funcionando como um ponto de partida para a organização da estrutura discursiva. Dessa forma, percebemos que as catáforas parecem comportar-se como um fator de direcionamento na progressão textual.

Passaremos agora aos nomes genéricos, para que possamos entender, posteriormente, como se manifestam nos contextos abordados acima.

Nomes genéricos

Halliday e Hasan analisam como estratégia de coesão textual o uso dos nomes genéricos. Segundo os autores, tais nomes seriam

*os membros superordenados de grandes conjuntos lexicais e, portanto, seu uso coesivo é um exemplo do princípio geral, segundo o qual um item superordenado funciona anaforicamente como um tipo de sinônimo.*¹²

Dada a capacidade dos nomes genéricos de retomarem anaforicamente um grande número de entidades, os autores propõem uma classificação para termos do inglês, cuja tradução será abordada posteriormente na análise do *corpus*:

*people, person, man, woman, child, boy, girl [human]
creature [non-human animate]
thing, object [inanimate concrete count]*

¹¹ CONTE. Encapsulamento anafórico.

¹² HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*, p. 275.

*stuff [inanimate concrete mass]
business, affair, matter [inanimate abstract]
move [action]
place [place]
question, idea [fact]*¹³

A sintaxe oral, como lembra Mondada e Dubois,¹⁴ é marcada por buscas lexicais, caracterizando o que chamam de “planificação imediata da sintaxe oral”. Dessa forma, os locutores falam o que lhes surge primeiro ao espírito, em decorrência de planejar e verbalizar ocorrerem quase que simultaneamente na fala.

Assim, podemos perceber uma grande ocorrência dos nomes genéricos na língua falada. Por questões cognitivas, conforme aponta Koch,¹⁵ é mais fácil recorrer a um termo que estaria mais acessível, do que a um termo mais específico.

A proposta de Halliday e Hasan parece analisar os nomes genéricos apenas em contextos anafóricos. Entretanto, pretendemos demonstrar (através do *corpus* que abordaremos a seguir) que também podem ser percebidos em contextos catafóricos.

Análise do *corpus*

Passaremos agora para a análise do *corpus*, apontando as características e comportamentos dos nomes genéricos em destaque. Para tanto, enfatizaremos trechos das transcrições realizadas, totalizando três ocorrências com o termo *coisa*, duas com *trem* e, igualmente, duas com *negócio*.

(1) INFORMANTE 2: *intão num tinha muita casa... intão naquele lado ali que num tinha casa a gente caçava tatu () com cachorro... () agora coisa de minino eu cacei dimais... passarim que a gente caçava sabe?... perdizes.*¹⁶

Nesse primeiro trecho, temos o nome genérico *coisa*, o qual, ao ser acrescido do modificador *de minino*, opera cataforicamente, predizendo animais típicos, que seriam caçados por crianças. Assim,

¹³ HALLIDAY; HASAN. *Cohesion in English*, p. 274.

¹⁴ MONDADA; DUBOIS. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.

¹⁵ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial.

¹⁶ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 210. Grifos meus.

coisa de minino, na progressão textual, permite a introdução de elementos novos, *passarim* e *perdizes*.

Procedendo à divisão dos nomes genéricos, proposta por Halliday e Hasan, percebemos que *coisa* (*thing*) é classificada na categoria inanimado concreto (*inanimate concrete count*). Contudo, na análise em questão, uma vez que os referentes (ou objetos de discurso) da expressão “coisa de minino”, tratam-se de animais, o traço mais adequado seria não humano (*non-human animate*).

Dessa forma, podemos perceber, inicialmente, a mobilidade dos nomes genéricos em decorrência de sua classificação variável, assim como no exemplo abaixo:

(2) INFORMANTE: *não e eu prometi a ele **ua coisa**... “sabe pai... o que o senhor não pôde fazê em vida... eu vô tentá fazer... eles mandaram o sinhô pra longe pra não ser diretor... mas o senhor antes de morrer ainda vai me ver... no cargo maior que diretor... ele me viu como inspetora seccional de ensino”... antes de ixisti a superintendência... e quase que ele me viu como a primeira delegada de ensino de Paracatu... não fosse a pulítica novamente... me tiraram para dar a uma de fora... pur causa da pulítica.*¹⁷

Nesse segundo fragmento, podemos perceber o encapsulamento de informações, apontado por Conte.¹⁸ No entanto, embora tal ocorrência seja comum em contexto anafórico, aqui temos um encapsulamento catafórico.

Dessa maneira, o uso de *coisa* acompanhado do indefinido *ua* permite a introdução de novos referentes e informações, a saber: “o que o senhor não pôde fazê em vida... eu vô tentá fazer” e “mas o senhor antes de morrer ainda vai me ver... no cargo maior que diretor.”

Assim, *coisa* funcionaria como uma cápsula, uma vez que engloba consigo um grande número de noções, que vão sendo explicitadas posteriormente. Essas noções, as quais vão sendo introduzidas, é que renovam o texto, possibilitando a progressão textual.

Percebemos que os nomes genéricos podem favorecer os encapsulamentos, justamente em função da capacidade de se referir a um grande número de entidades, de forma inespecífica.

¹⁷ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 202. Grifos meus.

¹⁸ CONTE. Encapsulamento anafórico.

Para a classificação do termo, temos novamente uma variabilidade. Já que, no contexto em questão, prometer uma coisa se refere a uma condição ou situação, o nome genérico pode ser compreendido como fato (*fact*).

Passemos assim, para a análise do terceiro trecho:

(3) INFORMANTE 3: *e aqui tinha ua cama aqui assim... e eu peguei () “eu vô/vô levantá vô oiá” aí eu cumecei a... querê rezá... e aquilo me deu aquea friage sabe?... aquela friage... **aquela coisa ruim**... foi subino ua friage pariceno que eu tava co ua peda de (gelo ni mim todinha)...*¹⁹

Nesse excerto, a informante especifica preditivamente a que se refere: *aquea friage*. Posteriormente, há uma repetição do mesmo termo e então a introdução da anáfora encapsuladora, *aquela coisa ruim*.

Dessa forma, *coisa* resume as informações antecedentes, mas é também especificada, uma vez que vem acompanhada do demonstrativo *aquela* e do adjetivo *ruim*.

É interessante notar que a expressão “coisa ruim” já está dicionarizada e significa ‘diabo’. Mas não se trata dessa definição no fragmento acima. A informante se refere à *friage*, uma sensação ruim, que é encapsulada em *aquela coisa ruim*.

Nesse trecho, podemos perceber, também, uma ocorrência inversa ao que Koch denomina de *correção referencial*. Conforme dito anteriormente, a sintaxe oral é marcada por buscas lexicais, em decorrência do planejamento e da verbalização na fala serem fatos que ocorrem quase simultaneamente. A tal fato poderia estar associada a grande ocorrência de nomes genéricos na fala, já que, segundo Koch, é mais fácil acessar termos inespecíficos e, posteriormente, pormenorizar o que se pretende falar.

Analisando o exemplo abaixo, retirado de Koch, temos:

(4) *Inf. ... então... ah:: eu acho que é ESSE o GÊnero que realmente atrai que realmente faz sucesso... porque todos os espetáculos... que partem para esse campo... fazem sucesso em São Paulo... ou então... os monólogos humorísticos como:: os espetáculos do uh::uh:: Chico Aní::sio... do Juca Cha::ves... eh:: Ari Toledo::do... José Vasconcelos e outros que sempre faz sucesso... com algumas:: raras exceções... às vezes a peça não agrada tanto...mas::s*

¹⁹ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 215. Grifos meus.

normalmente... éh:: esse:: esses **indivíduos** esses humoristas fazem muito sucesso com (todos) seus moNÓlogos teatrais.²⁰

No segmento acima, podemos perceber que, primeiramente, o falante acessa o termo mais geral, para atingir, em seguida, o mais específico. Esse tipo de ocorrência é o que Koch denomina *correção referencial*.

Não obstante, o que percebemos na nossa análise é justamente o contrário, já que a informante parte do termo específico, para chegar ao mais geral, *aquela coisa ruim*.

Seguindo à classificação do termo *coisa*, temos inanimado abstrato (*inanimate abstract*), embora nessa categoria, conforme Halliday e Hasan apontam, estejam nomes como *negócio*, *assunto* e *matéria* (*business, affair, matter*).

Continuando a análise, observaremos os trechos (5) e (6) com o item *negócio*:

(5) INFORMANTE 3: logo que eu casei... vô cumeçá lá de casa... lá de casa an[tes] deu casá... havia uma pantaforma muito ingraçada sabe?... lá em casa tinha **um/um negócio**... intão quand[o] a lua tava bunita era principalmente que **esse negócio** apresentava... ma[s] só que cê num via

PESQUISADOR 1: sei

INFORMANTE 3: presentava um solúcio... mas um solúcio... um solúcio mais ingraçado do mundo... que aquele solúcio aquela pessoa cumeça a soluçã assim... continuado sem pará...²¹

No fragmento acima, temos uma anáfora por repetição total com a segunda expressão “esse negócio”. No entanto, *esse negócio*, juntamente com *um negócio*, também pode ser entendido como catáfora, que só é percebida com a leitura do trecho subsequente.

Dessa forma, podemos perceber que a primeira expressão que contém *negócio* trata-se de um sintagma nominal indefinido específico, cujo referente é possível de ser identificado pelo falante, mas não pelo ouvinte. Já na segunda expressão, com o demonstrativo *esse*, temos um sintagma nominal definido específico e o referente continua não sendo localizado pelo interlocutor.

²⁰ KOCH. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial, p. 251.

²¹ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 212. Grifos meus.

Assim, temos uma indeterminação em *um negócio* e, posteriormente, uma maior determinação no demonstrativo *esse*. Quando a falante utiliza “presentava um solúcio”, realizamos, finalmente, as conexões, as quais nos permitem identificar *negócio* como catáfora que remete a *solúcio*.

Podemos perceber que os movimentos projetivos e retrospectivos que são, sobretudo, os fatores que interferem no processamento textual, exigem um cuidado maior para análise, já que um mesmo item se comporta de maneiras diferentes.

Para a classificação do nome genérico, percebemos que há uma correspondência com a proposta de Halliday e Hasan, os quais consideram o termo *negócio*, inanimado abstrato.

Agora vejamos o que ocorre no trecho (6):

(6) INFORMANTE: o médi[co] passaba aquele monte de injeção... cabava aqueas injeção... o minino cumeçava tudo de novo... bastava ua nuve cubri o céu... ele cumeçava a chiá os peito... aí eu falei [a]ssim “eu num vô mais”/aí saiu **aque[le] negó[cio] da pastoral da criança** né... aí até tia Nilda mãe do Nei (que) comprô pra mim o livro... o livrim de medicina natural... aí eu vi lá o imbigo da banana curava... bronquite... aí eu fiz... nunca mais... o Flávio toma bãe frio... Flavim só vê/anda sem camisa... toma chuva... nunca mais ()²²

No exemplo (6), temos o nome genérico *negócio*, em contexto catafórico que se refere a *livro*, “o livrim de medicina natural”.

É importante notar que, embora se trate de um termo geral, sem características pormenorizadas, em razão de vir acompanhado do demonstrativo *aquele* e *da pastoral da criança*, isso o torna mais específico.

Considerando a divisão de Halliday e Hasan, podemos perceber que *negócio* conteria o traço *inanimado concreto* (*inanimate concrete count*).

O fato de tal classificação ser relativa ao termo *coisa* (*thing*) poderia indicar que uma mesma categoria pode ser aplicada a vários nomes genéricos, a depender do contexto de uso.

Prosseguindo à análise dos nomes genéricos, temos o vocábulo *trem* no trecho a seguir:

²² AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 224. Grifos meus.

(7) INFORMANTE 3: *não mas eu é assim mesmo... eu vô na cidade... é... ali... eu vô na cidade se eu saio daqui sete e meia eu volto oito e meia eu... eu vô no carro de sete e dez volto oito e meia eu vô... eu vô... a partida de onze hora tô voltano mei[o] dia e meio... três hora é assim... é o **trem mais gostoso** num é?*²³

O vocábulo *trem*, tão característico de Minas Gerais, além de sua acepção como 'meio de transporte', possui um significado que remete a "qualquer objeto ou coisa; coisa, negócio, treco, troço".²⁴

Dessa maneira, conforme Ramos,²⁵ ao adquirir a mesma significação de *coisa*, no dialeto mineiro, a palavra *trem* poderia ser incluída na classe dos nomes genéricos.

Assim, no trecho acima, *trem* é uma anáfora que encapsula uma série de informações. No entanto, por se tratar de uma conversa longa, somente retornando a um período anterior, percebemos que o item se refere à vida na roça e às implicações desse fato.

Portanto, podemos perceber o intrincamento gerado pelo encapsulamento, já que é capaz de resumir uma parcela muito grande do texto.

Para a classificação de *trem*, poderíamos categorizá-lo enquanto *inanimado abstrato* (*inanimate abstract*), o que demonstra que, assim como *coisa*, pode se referir a uma diversidade de entidades e não apenas a objetos.

Dessa forma, analisaremos o último excerto com o termo *trem*:

(8) INFORMANTE 3: *mas[s] de quem já foi eu num ten[ho] medo não... aí... ((choro de crianças)) quand[o] foi um dia eu levantei... as porta tudo fechada... tu[do] lacrado... divia sê umas duas e meia uma hora da... da manhã... ((sons de galos e galinhas ao fundo)) tinha **um trem** bulino den[tro] desse quarto aí bulino bulino eu levantei cindi a luz () oiá... tinha um frango carijó... era/ele era... todo peladinho... só via carijó porque as perna dele... da asa.*²⁶

Nesse exemplo, temos o nome genérico *trem* como catáfora que se refere a *frango carijó*.

²³ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 209. Grifos meus.

²⁴ FERREIRA. *Novo dicionário Aurélio*.

²⁵ RAMOS. O surgimento de um nome geral: a história da palavra *trem*.

²⁶ AMARAL. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais: Campanha, Minas Novas e Paracatu*, p. 213-214. Grifos meus.

Percebemos que *trem* está acompanhado do indefinido *um*, gerando uma indeterminação. Tal uso pode ser entendido como estratégia de referenciação a algo de natureza desconhecida.

Por fim, podemos classificar *trem* como não humano (*non-human*), por fazer referência a uma criatura, que só posteriormente é conhecida no discurso.

Considerações finais

Para uma visão geral dos dados analisados, segue o quadro abaixo:

Nome genérico	Caráter fórico	Classificação do nome genérico
Coisa de minino	Catáfora	Não humano
Ua coisa	Catáfora encapsuladora	Fato
Aquela coisa ruim	Anáfora	Inanimado abstrato
Um negócio / Esse negócio	Anáfora / Catáfora	Inanimado abstrato
Aquele negócio da pastoral da criança	Catáfora	Inanimado concreto
O trem	Anáfora encapsuladora	Inanimado abstrato
Um trem	Catáfora	Não humano

A partir dessa divisão, podemos perceber que, quanto ao caráter fórico, há uma grande variabilidade, já que temos uma ocorrência com anáfora, catáfora encapsuladora e anáfora encapsuladora; três com catáfora e uma com ambas as características.

Dessa forma, podemos observar que, embora as teorias apontem para uma predominância das anáforas, nos dados observados, temos uma maior variedade, o que poderia indicar uma maior diversidade na língua oral. Contudo, temos que relativizar a afirmativa, dada a pequena quantidade de dados observados.

Analisando a classificação dos nomes genéricos, percebemos novamente uma grande mobilidade em comparação com a proposta

de Halliday e Hasan, posto que um mesmo nome genérico apresentou traços distintos. Assim, pode ser possível apontar usos diversos do mesmo nome genérico na língua oral.

Portanto, através deste artigo, tentamos demonstrar a ocorrência de nomes genéricos na fala, em contexto fórico e como interferem na progressão textual. Dada a limitada quantidade de eventos analisados, não pretendemos encerrar discussões, mas apenas apontar algumas observações, acerca de fatos, os quais podem ser mais estudados posteriormente.

Referências

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. *A ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos em três localidades de Minas Gerais*: Campanha, Minas Novas e Paracatu. 2003. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1996.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Versão 6.0. 4. ed. Curitiba: Positivo Informática, 2009. 1 CD-ROM.
- FIGUEIREDO, Olivia Maria. *A anáfora nominal em textos de alunos*: a língua no discurso. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- FREGE, Gottlob. *Lógica e filosofia da linguagem*. 2. ed. amp. rev. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. 14. ed. London; New York: Longman, 1995.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Orgs.). *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clelia Cândida Abreu Spinard; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*: construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399. v. 1.
- MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RAMOS, Jânia Martins O surgimento de um nome geral: a história da palavra *trem*. In: RAMOS, Jânia Martins; COELHO, Sueli (Orgs.). *Português brasileiro não padrão*: ensaios gramaticais. Campinas: Mercado das Letras. No prelo.

Este trabalho vincula-se ao projeto O Uso de Nomes Genéricos nos Falares Mineiros, coordenado pelo professor Eduardo Amaral e atualmente em desenvolvimento na FALE/UFMG.

Josimeire Lourdes de Souza é graduanda do oitavo período do curso de Letras da UFMG (Licenciatura em Português).

Análisis de sintagmas nominales antroponímicos en los periódicos *La Nación* (Argentina) y *El País* (Uruguay)

Luciana Marques da Silva
Carolina Izabela Dutra Miranda
Luiza Francisca Ferreira da Silva

Basado en los conceptos de nombre propio y antropónimo,¹ nombre propio modificado,² y deantroponímico,³ este trabajo objetiva hacer un análisis comparativo acerca de los usos de esos conceptos refiriéndose a temas y a personalidades de la política y del gobierno de Argentina en los periódicos *La Nación*, de Argentina y *El País*, de Uruguay. Se comprenden estos usos como operadores lingüísticos, pues son sintagmas que tienen la función de recuperar un referente en un texto, constituyendo, así, un elemento de cohesión. De esta manera, esta investigación intentará analizar cómo esos operadores lingüísticos referentes a la política argentina son usados en artículos de los periódicos, si hay presencia de operadores distintos en los dos, si hay una variación en cuanto al sentido y el contexto de utilización. Para la elección del *corpus* se seleccionaron textos de los dos periódicos que tratasen de temas de la política argentina y que utilizaran dichos operadores: antropónimos, expresiones nominales, antropónimos modificados y deantroponímicos. La metodología se constituirá de la presentación y análisis de los textos en lo que se refiere a la presencia de los operadores, al sentido que asumen, al contexto en que son usados y a la intención de estos usos. Además se propone en este artículo el estudio comparativo de los datos encontrados en los textos.

¹ BAJO PÉREZ. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*.

² KLEIBER citado por AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos.

³ AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos.

Fundamentación teórica

Conforme las concepciones de Bajo Pérez, "cualquier secuencia articulable puede ser un nombre propio".⁴ Un sintagma nominal puede ser un nombre propio independientemente de que sea originalmente un sustantivo, un verbo, un adverbio, un sintagma preposicional o adjetivo o frases enteras. Por lo tanto, el nombre propio, a causa de sus diversas posibilidades de construcción, es una categoría gramatical pasible de ser modificada: "el nombre propio no siempre funciona igual, ni siempre se usa del mismo modo."⁵

Genuinamente, los nombres propios que tienen como referente una persona son llamados *antropónimos*. No obstante, dada la variedad de construcción de los nombres propios anteriormente mencionada, no se puede considerar solo antroponímicos los nombres que se refieren exclusivamente al primer portador de un nombre. Hay casos en que el sintagma nominal perdió esa vinculación rígida con el referente personal, adquiriendo incluso otros referentes sin dejar de ser un antropónimo. Es lo que pasa, por ejemplo, si consideramos sintagmas como el presente en la oración "un Don Quijote que no pudo cabalgar";⁶ retirada del artículo de mismo nombre de 2005 y publicado en el periódico argentino *La Nación*. En ese caso, el sintagma nominal *un Don Quijote* puede referirse al director de cine contemporáneo Terry William y a su fracasado intento de producir la película *The Man Who Killed Don Quijote* o incluso a dicha película, pero no, directamente, al personaje de Miguel de Cervantes. Vemos, así, que, a pesar de que el nombre propio *Quijote* no se refiere solo al portador inicial de ese nombre, sino también a un director actual y a su proyecto personal, no deja de ser un nombre propio antroponímico, puesto que se refiere a una persona, en ese caso, Terry William.

Fenómenos lingüísticos como ese, capaces de resignificar sintagmas, no son raros en los usos de una lengua. Ante, así pues, de dicha manifestación, se propuso el concepto *nombre propio modifi-*

cado, inicialmente por Kleiber,⁷ con base en Burge, concepción según la cual ese antropónimo "se presenta acompañado de determinantes que lo hacen perder el carácter 'único' o 'singular' frecuentemente asimilado a la marca específica que lo opone a los nombres comunes".⁸ Ese concepto, aún en discusión, será adoptado en este trabajo según las mismas perspectivas asimiladas por Amaral,⁹ conforme las cuales serán modificados los sintagmas nominales referenciales, es decir, que mantienen vinculación con el portador inicial, siguiendo la concepción de Bajo Pérez, ya discutida, de que no importa la forma que el sintagma asuma, que puede ser incluso la de una frase entera.

Otro fenómeno a ser visto en este análisis es la presencia de los deantroponímicos, que, según Amaral,¹⁰ son comprendidos como ítems que se originan de un antropónimo al sufrir una modificación de carácter morfológico, originando no solo nombres, sino también adjetivos y verbos, como *daltonismo* y *peronista* o *menemizó*.

A continuación, se presenta un cuadro con informaciones sobre los textos analizados:

CUADRO 1
Informaciones sobre los textos analizados

Orden	Fecha	Título del texto	Autor(a)	Periódico
1	06.10.2010	El plan B del ex presidente	Luis Majul	<i>La Nación</i> – Argentina
2	05.10.2010	Radiografía de Mauricio Macri	Fernando Laborda	<i>La Nación</i> – Argentina
3	31.10.2010	La huella de Kirchner	Julia Rodríguez Larreta	<i>El País</i> – Uruguay
4	14.03.2010	El acosos no cesa	Julia Rodríguez Larreta	<i>El País</i> – Uruguay

⁷ KLEIBER citado por AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos, p. 233.

⁸ BURGE citado por AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos, p. 233.

⁹ AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos, p. 233-252.

¹⁰ AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos, p. 233.

⁴ BAJO PÉREZ. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*, p. 105.

⁵ BAJO PÉREZ. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*, p. 105.

⁶ AMARAL. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antroponímicos, p. 241.

Análisis de los datos

Textos del periódico argentino La Nación

Texto 1. "El plan B del ex presidente"

En ese texto, puesto que hay una crítica al gobierno Néstor Kirchner, hay también una gran variación de formas de aludir a ese ex presidente argentino. Es decir, ya que hay una crítica a una persona, es natural y esperado que el nombre propio que más aparezca en el texto sea justamente el de Kirchner, el objeto de la crítica. Por ello el autor tuvo que cambiar las formas de nombrarlo para garantizar la cohesión textual y la progresión con la no repetición de sintagmas. De ahí tenemos los tres usos de antropónimos referenciales: *Néstor Kirchner*, el nombre pleno para presentar el objeto de la crítica, por ejemplo, en la oración: "*Néstor Kirchner* [2]¹¹ no será candidato a presidente, sino a gobernador de la provincia de Buenos Aires";¹² *Néstor*, el nombre de pila: "Para el ex ministro – quien se jacta de haber ganado una apuesta similar cuando jugó a un grupo de periodistas que sería Cristina y no *Néstor* [9] la candidata a presidenta para las elecciones de 2007" y *Kirchner*, el apellido: "Así, *Kirchner* [3] se aferraría a esa ilusión por pura lógica de sobreviviente", para recuperar al presidente a lo largo del texto. Se nota, con relación a esos dos últimos usos, un intercambio sistemático entre ellos, que es la alternancia, siendo que no hay predominancia considerable de ninguno de los antropónimos.

Con relación a las nominalizaciones para identificar al presidente argentino, tenemos usos que lo ubican a través de su trayectoria política, *ex presidente*, en el título: "El plan B del *ex presidente* [1]" y *el ahora diputado nacional*: "Este pronóstico no ignora que *el ahora diputado nacional* [7] lanzó la idea de su propia candidatura presidencial para mantener contenida a la tropa y lograr que su esposa retenga el poder hasta el último día del mandato". O en

¹¹ La numeración señala el orden de ocurrencia de los ejemplos, relacionados en los cuadros que siguen a los análisis de cada texto.

¹² Las cursivas en las citas y en los títulos son nuestras.

usos que denotan la crítica del autor Luis Majul, *el dueño de la plata del estado*: "Y porque contaría con una caja no menor, la del Banco Provincia, para seguir seduciendo a los barones del conurbano, a los dirigentes sociales y a los medios que hoy sólo le responden porque es *el dueño de la plata del Estado* [4]", en que hace uso de los racimos profesionales del referente; y usos que lo identifican a partir de su relación con la actual presidenta de Argentina Cristina Kirchner, *su marido y su jefe político*: "El ex ministro sabe que Cristina hará, después de todo, lo que determine *su marido*, porque es *su jefe político* [12] desde que eran novios y porque casi nunca se atrevió a desobedecerlo", en que echa mano de características de la vida personal del referente.

Finalmente, en cuanto al uso de los antropónimos modificados en el texto, lo tendríamos en: "El vaticinio de Kirchner [6] *candidato a gobernador* contiene otro presupuesto", en el cual el antropónimo está modificado porque no identifica pura y simplemente al portador Néstor Kirchner, sino que le da a ese portador un nuevo sentido, caracterizando una etapa por la que pasa el político, de un Kirchner dispuesto a todo para ganar la candidatura de la provincia y protegerse de los que ha humillado y ahora quieren vengarse, como analiza Luis Majul. Lo mismo valdría para el uso, en el título, de *El plan B de Néstor gobernador*.

A continuación tendríamos el uso *kirchnerólogo*: "Sin embargo, *el kirchnerólogo* [8] explica [...]" en que, a través del sufijo *-logo*, denota el informante del autor, "un ex ministro que lo conoce bien [a Néstor Kirchner]", que lo ayuda a obtener informaciones para construir su crítica.

Para finalizar, tendríamos *kirchnerismo*: "[...] el plan B de Néstor gobernador no sólo estaría indicando la admisión de que el *kirchnerismo* [22] será derrotado a nivel nacional", que se constituye un uso muy frecuente en el campo político, también formado a partir de un antropónimo y un sufijo, en ese caso, *-ismo*.

En los dos casos anteriores, hay dos posibles ocurrencias de deantroponímicos originados del apellido Kirchner, que sufrió una modificación morfológica con la añadidura de los sufijos *-logo* y

-ismo. Ese proceso resulta en el sustantivo *kirchnerólogo*, referente a un “especialista” en la política de los Kirchner. En ese caso, el sufijo *-logo* parece presentar un valor peyorativo, que señalaría, según el autor, que su informante es casi obsesionado por Kirchner, puesto que sabría todo sobre ese político. Además, tendríamos el sustantivo *Kirchnerismo*, que se refiere a un movimiento político liderado por Cristina y Néstor Kirchner.

Abajo se expone el cuadro ilustrativo de los fenómenos encontrados en el artículo de Majul.

CUADRO 2
Datos del texto 1

Antropónimos en usos referenciales	Expresiones nominales que identifican al portador inicial del antropónimo	Usos modificados de antropónimos	Deantropónimos
-	1. ex presidente	-	-
2. Néstor Kirchner	-	-	-
3. Kirchner	-	-	-
	4. el dueño de la plata del Estado	-	-
5. Kirchner	-	-	-
-	-	6. Kirchner candidato a gobernador	-
-	7. el ahora diputado nacional	-	-
-	-	-	8. el kirchnerólogo
9. Néstor	-	-	-
-	10. su marido	-	-
-	11. su marido	-	-
-	12. su jefe político	-	-
13. Kirchner	-	-	-

-	14. el jefe político	-	-
15. Kirchner	-	-	-
16. Néstor	-	-	-
17. Kirchner	-	-	-
18. Néstor	-	-	-
19. Kirchner	-	-	-
20. Néstor	-	-	-
-	-	21. Néstor gobernador	-
-	-	-	22. kirchnerismo

Texto 2 – “Radiografía de Mauricio Macri”

El texto dos trata de una investigación sobre Mauricio Macri. Hay una encuesta que lo pone como el mejor político para oponerse a los Kirchner. El título del texto ya presenta el antropónimo que será objeto de análisis: “Radiografía de *Mauricio Macri* [1]”.

Podemos percibir, en el primer párrafo, la ocurrencia, por primera vez, del antropónimo en su forma plena *Mauricio Macri*, nombre de pila *Mauricio* y apellido *Macri*, sin considerar el título, por suponer que la introducción del antropónimo en el texto sea necesaria aunque ya haya aparecido el nombre pleno en el título: “La última encuesta realizada por Poliarquía Consultores para *La Nación* revela que *el jefe de gobierno porteño, Mauricio Macri* [2], es a un año de las próximas elecciones presidenciales *la figura preferida de la oposición a los Kirchner*”. Seguida de la introducción del nombre pleno, hay nominalización con: *el jefe del gobierno porteño*, que, además de ser un elemento de cohesión para no repetir dicho nombre, se constituye de un instrumento de crítica al poder y a la influencia política y económica del objeto del texto Mauricio Macri.

En el mismo párrafo, encontramos la expresión nominal la figura preferida de la oposición y, más adelante, la expresión nominal destacada: “El sondeo de Poliarquía señala que Macri es *el político de la oposición a los Kirchner* [3] *más valorado* para el 10% de las

mil personas consultadas”, ambas utilizadas por el autor Fernando Laborda Martes para caracterizar a Mauricio Macri como siendo la mejor opción de oposición de acuerdo con su encuesta. También tenemos la expresión metafórica una figura difícilmente digerible: “El segundo problema de Macri es que se trata de *una figura difícilmente digerible*, [6] al menos por ahora”, que se vale claramente de las propiedades y características del político, pareciendo hacer una crítica a la oposición que no podrá manipular fácilmente al candidato en sus posiciones y decisiones políticas.

A partir del segundo párrafo, comienzan las recuperaciones anafóricas antropónicas del referente por medio de su apellido *Macri*, utilizado a lo largo del texto. Incluso hay *Mauricio* con solo una ocurrencia: “*Los macristas* [7] se ilusionan con que, unos meses antes de las elecciones, cuando los peronistas adviertan que no tienen un candidato mejor, lo vayan a buscar a *Mauricio*”.

En el mismo fragmento, encontramos el uso de los deantropónicos *macristas* y, más adelante, *macrismo*: “Sin embargo, no faltan hombres en el *macrismo* [9] que no consideren inimaginable que, llegada la hora de definir la candidatura presidencial, *Macri* resigne su aspiración a la Casa Rosada”. Conforme Amaral,¹³ estos son ítems que se forman a partir de un antropónimo y un sufijo, ambos utilizados en el campo de la política. *Macrismo* es formado por un nombre + *-ismo* y fue usado para referirse a la ideología macrista, al movimiento liderado por el político Mauricio, y *macrista*, compuesto por un nombre + *-ista*, calificando a los seguidores de dicho candidato.

En seguida, el cuadro ilustrativo de las ocurrencias analizadas en Laborda.

CUADRO 3
Datos del texto 2

Antropónimos en usos referenciales	Expresiones nominales que identifican al portador inicial del antropónimo	Usos de deantropónicos
1. Mauricio Macri	-	-
2. Mauricio Macri	-	-
-	3. La figura preferida de la oposición a los Kirchner	-
4. Macri	-	-
5. Macri	-	-
-	6. Una figura difícilmente dirigible	-
-	-	7. Los macristas
8. Mauricio	-	-
-	-	9. Macrismo
10. Macri	-	-
-	-	11. Macrismo
-	-	12. El macrismo
13. Macri	-	-
-	14. El político de oposición a los Kirchner más valorado	-

Textos del periódico uruguayo El País

Texto 3 – “La huella de Kirchner”

El texto “La huella del Kirchner”, de Julia Rodríguez Larreta, hace, ya en ese título, la mención al apellido del ex presidente Néstor Kirchner, para iniciar el artículo, que se trata de un recorrido de la trayectoria del fallecido político, haciendo alusión a sus características, a las propiedades de su gobierno y a los cargos que ha asumido

¹³ AMARAL. Sobre epónimos e deonomáticos: processos de criação lexical a partir de antropônimos na língua espanhola, p. 3479-80.

a lo largo de su carrera, incluso comparándolo a Perón, ex presidente de Argentina muy valorado y reconocido en la historia.

En el inicio del texto, se utiliza el antropónimo pleno *Néstor Kirchner* formado de su nombre de pila, *Néstor* y nuevamente de su apellido para hacer referencia directa al sujeto del cual se hablará: "Igualmente difícil no hablar de ello; de la súbita muerte de *Néstor Kirchner* [2]". El antropónimo será nuevamente recuperado por el apellido Kirchner en la oración "Qué pasará con el *kirchnerismo* sin *Kirchner* [12], es la gran pregunta, aunque la viuda, en este caso, es muy distinta a la del Perón del último gobierno". En ese momento, el autor utiliza un deantroponímico, *Kirchnerismo*, formado por la unión del sufijo *-ismo* al apellido Kirchner, para referirse al gobierno del político, a su forma de gobernar.

Las expresiones nominales son largamente utilizadas en el texto para recuperar el sujeto principal del cual se habla y también para comentar la carrera y la vida política de Néstor. Dichas expresiones, destacadas en la oración "Es que no murió un ex presidente, sino *alguien con la particularidad de haber sido reconocido y aceptado como un presidente en ejercicio* [5]" o en "Máxime cuando *un enamorado del poder* [10] tiene sobrada inteligencia como para detectar los variados síntomas que no condicen con sus ambiciones presidenciales" no solo hacen referencia a la trayectoria política de Kirchner, como ocurre en la expresión "un *ex presidente* [4], en la misma oración, sino que demuestran el reconocimiento por la carrera y la actuación del Néstor Kirchner, valorándola incluso cuando se dice que él hace parte de la historia de Argentina: "La fulminante desaparición de *este personaje de la historia argentina*, ha golpeado con la fuerza de un tsunami y sobre el repliegue del maremoto [...]"

Más adelante, son utilizados usos modificados de antropónimos para recuperar el sujeto del texto en algunas oraciones, como "¿O con el omnipresente De Vido o el gobernador Scioli, cuya mansedumbre ante *el tiránico Kirchner* [13], paradójicamente lo ha colocado en el lugar de quien podría ser el más apto para convocar a la reunión de las huestes?" o en "*El desaparecido Kirchner* [9], de solo sesenta años, una edad considerada joven en estos tiempos,

era dueño de una personalidad tan vehemente como trabajadora [...]" En estos usos de antropónimos modificados, formados por el artículo definido masculino singular antepuesto a adjetivos sumados al apellido: El + tiránico + Kirchner y El + desaparecido + Kirchner, Rodríguez Larreta hace referencia al alejamiento del político en los últimos meses de Kirchner a causa de su enfermedad y también a un rasgo de su personalidad como político, de alguien muy duro, que imponía sus ideas y decisiones, caracterizándolo como "el tiránico Kirchner".

Abajo el cuadro ilustrativo de las ocurrencias analizadas en Rodríguez.

CUADRO 4
Datos del texto 3

(continua)

Antropónimos en usos referenciales	Expresiones nominales que identifican al portador inicial del antropónimo	Usos modificados de antropónimos	Deantroponímicos
1. Kirchner	-	-	-
2. Néstor Kirchner	-	-	-
-	3. este personaje de la historia Argentina	-	-
-	4. un ex presidente	-	-
-	5. alguien con la particularidad de haber sido reconocido y aceptado como un presidente en ejercicio	-	-
-	6. Alguien que a su vez, ejercía de ministro de Economía, de Obras Públicas, de Relaciones Exteriores, de director del Banco Central, de gobernador, de intendente, de jefe de bancada, de presidente del Consejo Nacional del P.J.	-	-

Antropónimos en usos referenciales	Expresiones nominales que identifican al portador inicial del antropónimo	Usos modificados de antropónimos	Deantroponímicos
-	7. el gran operador político del oficialismo	-	-
-	8. el creador de un entorno áulico de dirigentes, políticos, sindicalistas, empresarios y medios de prensa considerados de la casa.	-	-
-	-	9. El desaparecido Kirchner	-
-	10. un enamorado del poder	-	-
-	-	-	11. el Kirchnerismo
12. Kirchner	-	-	-
-	-	13. el tiránico Kirchner	-

Texto 4 – “El acoso no cesa”

El texto “El acoso no cesa”, también de Julia Rodríguez Larreta, trata de la persecución y el intento de opresión del gobierno de Cristina Kirchner en contra a la prensa, ya haciendo referencia a esta acción política en el título, con el sintagma *el acoso*, es decir, “la persecución sin descanso” de Cristina. Con esa idea, la periodista compara acciones del gobierno Kirchner, que incluiría a Néstor y a Cristina, a las maniobras de persecución política hechas por el ex presidente Perón, en el pasado de la historia argentina.

Al inicio del texto, Rodríguez Larreta utiliza el antropónimo formado por el apellido Kirchner para hacer referencia no solo a Cristina, sino también a Néstor, que la apoya en esta persecución nombrada “La saña de los Kirchner” por la autora: “La saña de *los Kirchner* [1] contra la prensa que se atreve a criticarlos, no amaina, aunque algunos jueces se han atrevido a fallar en contra de la aplicación de la Ley de Medios aprobada el año pasado [...]”. La utilización

de antropónimos referenciales se hace nuevamente al final del texto, en que la periodista se utiliza del antropónimo formado del nombre de pila *Cristina* y del apellido *Kirchner* para recuperar el hecho de la aprobación de la ley por Cristina, que sufre una medida cautelar de la justicia, en la oración: “La Justicia ha dictado una nueva medida cautelar que suspende la aplicación de la ley de medios impulsada por *Cristina Kirchner* [4], promulgada en el 2009.” A continuación, el uso del apellido *Kirchner* como antropónimo referencial es repetido al final del texto en la frase que resume su idea principal: “*Los Kirchner* no cejan y la oposición no se solidifica.”

El uso de expresiones nominales para recuperar el sujeto principal del texto ocurre solo una vez, en la oración: “Se trata del quinto fallo contra dicha ley pero *la Presidenta* [5] al igual que con las reservas del Banco Central, no solo hace caso omiso de los fallos judiciales, sino que alardea de ello.” En ese momento, la periodista deja clara su posición en contra a las acciones políticas de la presidenta.

Una manera interesante también de referirse a esa pareja presidencial es la expresión nominal *matrimonio gobernante*, que también es responsable por introducir la crítica de la autora en cuanto al poder de Néstor y Cristina sobre la prensa de aquel país: “El objetivo de la acción de gobierno sigue siendo amordazar o amedrentar a quienes osen no apoyar las iniciativas del *matrimonio gobernante* [3]”.

Además Rodríguez Larreta utiliza el deantroponímico *kirchnerismo* para referirse al gobierno de Kirchner y sus representantes. Nuevamente la periodista parece expresar su crítica a las medidas autoritarias del gobierno, que hizo uso de su poder para realizarlas al decir: “[...] la Ley de Medios aprobada el año pasado, cuando *el Kirchnerismo* [2] tenía el control del Congreso.”

A continuación, el cuadro ilustrativo de las ocurrencias analizadas en Rodríguez.

CUADRO 5
Datos del texto 4

Antropónimos en usos referenciales	Expresiones nominales que identifican al portador inicial del antropónimo	Usos modificados de antropónimos	Deantropónimos
1. Los Kirchner	-	-	-
-	-	-	2. Kirchnerismo
-	3. matrimonio gobernante	-	-
4. Cristina Kirchner	-	-	-
-	5. La presidenta	-	-
6. Los Kirchner	-	-	-

Consideraciones finales

Es posible constatar que, en los cuatro textos analizados, la utilización de los antropónimos y expresiones nominales existe en los dos periódicos, siendo más frecuente en los textos del periódico *La Nación*. El uso de deantropónimos también es significativo, pero su uso es menos frecuente.

Además, se puede notar, en el *corpus* analizado, que el uso de las expresiones nominales no sirve sólo para hacer referencia a las personas tratadas en el texto sin que haya repetición, pero también parece atribuirles un tono crítico y añadirles características. Así pues, dicho uso no sería solamente un recurso de referenciación, sino un instrumento semántico. Si pensamos, por ejemplo, en “un enamorado del poder” (texto 3), veremos que, más que un uso para no repetir innecesariamente el nombre, hay una fuerte crítica a la postura autoritaria de Néstor Kirchner. Eso se confirma también porque la mayoría de las expresiones nominales encontradas actúan en la posición de atributo, lo que sugiere que funcionarían como calificadores de los nombres mencionados.

Se observó también que los textos no hacen una separación extrema entre los gobiernos de Cristina y Néstor Kirchner, puesto

que en todos los cuatro artículos analizados hay, por lo menos, una mención a la pareja, como en “los Kirchner” (textos 2, 4), “la viuda” (texto 3) y “su marido y su jefe político” (texto 1).

Además, en ambos periódicos, se verifica el uso del deantropónimo *kirchnerismo*, formado por el proceso de añadidura del sufijo *-ismo* al nombre propio. Ese proceso es muy productivo en la historia política de América Latina, generalmente señalando el periodo del gobierno de este político: “con la única lógica brutal que conoce y practica Kirchner para ejercer el poder”.¹⁴

Para finalizar, siendo una de las intenciones de este artículo analizar el funcionamiento de los nombres propios de la pareja Kirchner, de las expresiones nominales utilizadas para referirse a ella, de los usos modificados de dichos nombres propios y de los deantropónimos entre la prensa argentina y la uruguaya, no se percibió una distinción fuerte entre los usos de los dos países. Percibimos, tanto en la prensa uruguaya como en la argentina, el uso de distintos operadores para criticar a la pareja Kirchner. Aunque el texto “La huella de Kirchner” parezca, en una primera lectura, un homenaje a la trayectoria política de ese ex presidente, el tono crítico de los artículos seleccionados se nos aclara en expresiones, como “la saña de los Kirchner contra la prensa que se atreve a criticarlos, no amaina”,¹⁵ por el lado uruguayo, y en “el dueño de la plata del estado”¹⁶ por el lado argentino.

Referencias

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Los nombres propios en el español escrito: una propuesta de análisis de los diferentes usos antropónimos. *Signo & Seña*, Buenos Aires, v. 20, p. 231-252, 2009.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Sobre epónimos e deonomásticos: processos de criação lexical a partir de antropônimos na língua espanhola. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, 2008, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Idéia, 2008. v. 2, p. 3477-3486.

BAJO PÉREZ, Elena. *La caracterización morfosintáctica del nombre propio*. La Coruña: Toxosoutos, 2002.

¹⁴ MAJUL. El plan B del ex presidente.

¹⁵ RODRÍGUEZ. El acoso no cesa.

¹⁶ MAJUL. El plan B del ex presidente.

FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. El nombre propio. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 1. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 77-128.

LABORDA, Fernando. Radiografía de Mauricio Macri. *La Nación*, Buenos Aires, 5 out. 2010. Opinión. Disponible en: <http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1311355>. Acceso en: 8 nov. 2011.

MAJUL, Luís. El plan B del ex presidente. *La Nación*, Buenos Aires, 6 out. 2010. Disponible en: <http://www.lanacion.com.ar/nota.asp?nota_id=1312020>. Acceso en: 8 nov. 2010.

RAINER, Franz. De "Porfiriato" a "Zapaterato". *Lingüística española actual*, Madrid, v. 29, n. 2, p. 251-259, 2007.

RODRÍGUEZ LARRETA, Julia. La huella de los Kirchner. *El País*, Montevideo, 31 out. 2010a. Internacional. Disponible en: <http://www.elpais.com.uy/10/10/31/pinter_525450.asp>. Acceso en: 8 nov. 2010.

RODRÍGUEZ LARRETA, Julia. El acoso no cesa. *El País*, Montevideo, 14 mar. 2010b. Internacional. Disponible en: <http://www.elpais.com.uy/10/03/14/pinter_476537.asp>. Acceso en: 8 nov. 2010.

Carolina Izabela Dutra Miranda es mestranda del Programa de Posgrado en Literatura, en el área de literatura brasileña de la Facultad de Letras de la UFMG.

Luciana Marques da Silva es graduanda del séptimo periodo de la carrera de Letras de la UFMG (Licenciatura en Lengua Española).

Luiza Francisca Ferreira da Silva es formada en Licenciatura Portugués-Español en la Facultad de Letras de la UFMG.

**Publicações Viva Voz de interesse
para a área de estudos linguísticos**

***De primeiro era assim: revelações do vocabulário
de Águas Vermelhas – MG***

Vander Lúcio de Souza

Questões sobre o hispanismo

Elisa Amorim Vieira (Org.)

Glossário de termos de edição

Sônia Queiroz (Org.)

As doçuras do sânscrito

Carlos Gohn

***Nomes de estabelecimentos comerciais
em Belo Horizonte v. 1 e 2***

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (Org.)

As Publicações Viva Voz estão disponíveis também em versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>.



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, integrado por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.